



Anhanguera

NÁDILEI ALVES POST

A ARTETERAPIA COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO
UMA REVISÃO DE LITERATURA

Tangará da Serra – MT

2022

NÁDILEI ALVES POST

A ARTETERAPIA COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO
UMA REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Anhanguera, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Psicologia.

Orientadora: Natalia Rosa.

Tangará da Serra – MT

2022

Dedico este trabalho todos os colegas, alunos e professores da Faculdade Anhanguera de Tangará da Serra – MT. A minha família querida e a todos que estiveram presente neste momento de alegria, com a finalização da graduação e realização de um sonho.

AGRADECIMENTOS

Eu dedico este trabalho as pessoas especiais na minha vida que ocupam um lugar muito especial no meu coração e nos meus pensamentos. Primeiramente agradeço a Juciane, mãe, amiga e companheira, pela paciência, dicas orientações para o trabalho.

Agradeço também minha irmã querida, Iohana, pela motivação e pelo carinho neste processo.

Ao André, meu noivo, que permaneceu ao meu lado e me apoiou em todos os momentos, desde o início da faculdade até os momentos finais desta, que sempre me motivou e comemorou minhas conquistas.

Ao Alison, concunhado, que me levou a faculdade nas etapas finais da faculdade quando meu noivo não podia, e que se colocou à disposição de ajudar sempre quando eu precisasse.

Ao meu amigo do peito, Leandro, que nunca deixou de me apoiar, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre acreditou em meu potencial, sempre me motivou a correr atrás dos meus sonhos.

Um agradecimento especial aos professores Dr. Eraldo, que proporcionou aos seus alunos várias oportunidades de potencializar a formação, dando abertura para publicações de artigos na revista em que é editor, a professora, coordenadora de curso e coordenadora do estágio na clínica Daniele Marchetto, por sempre cuidar de nós alunos e nos ajudar a concluir esta etapa tão importante para a nossa vida, a professora Thiara, por ser a pessoa que me apresentou a arteterapia e a professora Josiane, que fez uma diferença enorme na vida de todos com as suas aulas.

As preceptoras do estágio na clínica escola Juscelia Marçal e Sandra Olivete, que colocaram sua confiança em mim durante os estágios, sempre me dando ótimas dicas e oportunidades para conseguir cumprir os objetivos da matéria.

*Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
E eu passarinho!
(Mário Quintana)*

POST, Nádilei Alves. **A arteterapia como recurso psicoterapêutico**: uma revisão de literatura. 2022. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em psicologia) – Faculdade Anhanguera, Tangará da Serra - MT, 2022.

RESUMO

O presente estudo objetiva demonstrar como se dá a prática da arteterapia, sendo utilizada como um recurso e um instrumento de avaliação, intervenção e tratamento dos pacientes, utilizado pelo psicólogo no processo psicoterapêutico. Os objetivos específicos estão delineados para discorrer sobre os princípios da arteterapia, entender como a arteterapia pode ser utilizada pelo psicólogo no processo terapêutico, e ainda apresentar as contribuições da arteterapia utilizada pela psicologia. A pesquisa envolveu a revisão bibliográfica subsidiada por livros, artigos e revistas escritos na língua portuguesa que foram produzidos entre os anos de 2007 a 2022, configurando uma margem de 15 anos para os materiais com foco no campo da psicologia. O resultado do estudo marca que a arteterapia possui amplas formas de ser aplicada no meio psicoterapêutico, sendo confirmada como uma prática que promove a melhora do quadro clínico da pessoa, ofertando a possibilidade de ressignificar muitas das memórias dolorosas que carrega dentro de si. A arteterapia é uma prática acolhedora e dinâmica, e sua importância no Brasil destaca-se pela sua inserção na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: Arteterapia; Arteterapeuta; Psicologia; Mediadores Artísticos; Terapias Expressivas; Psicologia Clínica.

POST, Nádilei Alves. **Art therapy as a psychotherapeutic resource: a literature review.** 2022. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em psicologia) – Faculdade Anhanguera, Tangará da Serra – MT, 2022.

ABSTRACT

The current study aims to demonstrate how the practice of art therapy occurs, being used as a resource and an instrument of evaluation, intervention and treatment of patients, used by the psychologist in the psychotherapeutic process. The specific objectives are outlined to discuss the principles of art therapy, understand how art therapy can be used by the psychologist in the therapeutic process, and also present the contributions of art therapy used by psychology. The research involved the literature review subsidized by books, articles and magazines written in the Portuguese language that were produced between the years 2007 to 2022, setting a margin of 15 years for the materials focusing on the field of psychology. The result of the study marks that art therapy has broad forms of being applied in the psychotherapeutic environment, being confirmed as a practice that promotes the improvement of the clinical picture of the person, Offering the possibility of resignifying many of the painful memories that the person carries within itself. The art therapy is a welcoming and dynamic practice, and its importance in Brazil stands out for its insertion in the National Policy of Integrative and Complementary Practices (PNPICS) of the Unified Health System (SUS).

Keywords: Art therapy; Art psychotherapy; Art therapist; Psychology; Artistic Mediators; Expressive Therapies; Clinical Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo do aparelho psíquico da teoria Junguiana	31
Figura 2 – Modelo Cognitivo-Comportamental básico.....	38

LISTA DE ABREVIATURAS

AATA	<i>American Art Therapy Assotiation</i>
AAMA	Associação de Arteterapia de Estado do Maranhão
AAPB	Associação de Arteterapia da Paraíba
AARJ	Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro
AARTES	Associação de Arteterapia do Espírito Santo
AATERGS	Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul
AATESP	Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo
ABCA	Associação Brasil Central de Arteterapia
ACAT	Associação Catarinense de Arteterapia
ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
AMART	Associação Mineira de Arteterapia
APA	<i>American Psychiatric Association</i>
APAT	Associação Paranaense de Arteterapia
ARTE-PE	Associação Pernambucana de Arteterapia
ASBART	Associação de Arteterapia da Bahia
ASPOART	Associação Potiguar de Arteterapia
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações Não Governamentais
PICS	Práticas Integrativas e Complementares
PNPIC	Política Nacional de Práticas integrativas e Complementares
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Teoria Cognitivo-Comportamental
UBAAT	União Brasileira das Associações de Arteterapia
UFS	Unidade da Saúde da Família

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ARTETERAPIA: RAÍZES, CONCEITOS E PRINCÍPIOS DA PRÁTICA.....	13
2.1 ARTE: UMA DISCUSSÃO SOBRE SUA FUNÇÃO E IMPORTÂNCIA	13
2.2 O DESENVOLVIMENTO DA ARTETERAPIA.....	15
2.2.1 A arteterapia no Brasil	20
2.3 A ARTETERAPIA NO PROCESSO TERAPÊUTICO.....	23
2.3.1 Requisitos para atuação profissional em arteterapia	25
2.3.2 Conselhos e instituições brasileiras envolvidas na arteterapia.....	26
3 O USO DA ARTETERAPIA POR PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA.....	27
3.1 MODALIDADES E INSTRUMENTOS DA PRÁTICA	27
3.2 DIFERENTES ABORDAGENS EM ARTETERAPIA.....	28
3.2.1 Arteterapia Psicanalítica	29
3.2.2 Arteterapia Junguiana.....	30
3.2.3 Arteterapia Gestáltica	33
3.2.4 Abordagem Centrada na Pessoa.....	34
3.2.5 Abordagem Cognitiva-Comportamental.....	36
4 CONTRIBUIÇÕES DA ARTETERAPIA NO MEIO PSICOTERAPÊUTICO	41
4.1 ARTETERAPIA COM CRIANÇAS	41
4.2 ARTETERAPIA COM IDOSOS.....	42
4.3 ARTETERAPIA NO CUIDADO DA SAÚDE DA MULHER.....	43
4.4 ARTETERAPIA NO CUIDADO DE PESSOAS HOSPITALIZADAS.....	45
4.5 ARTETERAPIA COM CASAIS E FAMÍLIAS.....	46
4.6 ARTETERAPIA COM GRUPOS	46
4.7 ARTETERAPIA COM A PESSOA ENLUTADA.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A arteterapia é um dos campos de atuação da psicologia no qual utilizado processo criativo artístico como mediador de trabalho terapêutico com o paciente. Sua função na área da saúde, nos primórdios da sua utilização nas clínicas psiquiátricas, pautava-se no diagnóstico dos doentes no século XIX. Teóricos famosos, como Freud e Jung contribuíram bastante para o desenvolvimento desta ao perceberem haver significados e simbolizações nas obras criadas pelos pacientes.

A arteterapia percorreu um longo caminho até formar-se o que é hoje, ultrapassando os modelos psiquiátricos e alcançando os saberes da psicologia. Atualmente, confere-se como uma profissão reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) desde 2013, ainda que não muito conhecida pela comunidade.

A importância do trabalho se dá uma vez que a arteterapia propõe-se a promoção da saúde da pessoa, dado que oferece a possibilidade dos indivíduos se expressarem por meios além do verbal, conseguindo então, ser um mediador flexível para todos, seja qual for sua condição, idade, sexo/gênero, entre outros relacionados.

A premissa para a atual pesquisa se dá quanto a eficácia da arteterapia no meio psicoterapêutico e sobre como os psicólogos podem estar se beneficiando das técnicas desta para a promoção da saúde das pessoas, ou seja, como a arteterapia pode contribuir com o trabalho do psicólogo com seus pacientes?

Objetivou-se então, compreender como a arteterapia contribui para o processo psicoterapêutico, utilizada como um recurso e um instrumento de avaliação, intervenção e tratamento dos pacientes; a exposição dos princípios da prática da arteterapia; e entender como a arteterapia pode utilizada pelos profissionais da psicologia, apresentando as contribuições da sua utilização, baseando-se em materiais publicados sobre o assunto na área da psicologia.

A revisão bibliográfica foi a metodologia escolhida, de natureza descritiva e qualitativa. Os materiais utilizados como base foram livros, revistas e artigos, coletados e selecionados via portais como: Google, Google Acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVSpsi). O período selecionado para os materiais é de 15 anos para livros e artigos, sendo estes escritos em língua portuguesa, usando como filtro as palavras-chave: Arteterapia, psicologia, terapias expressivas, arteterapia e saúde, Artepsicoterapia e arteterapeuta.

2 ARTETERAPIA: RAÍZES, CONCEITOS E PRINCÍPIOS DA PRÁTICA

A palavra arteterapia é a junção de duas palavras, “arte” e “terapia”, ambas contendo suas próprias conceituações. Conforme Liddell e Scott (1983) e Durling (1993), a palavra terapia tem origem grega, “therapeia” advinda do verbo “therapeúo”, que significa “prestar cuidados médicos, tratar” voltados essencialmente para trabalhos da medicina na cura das enfermidades, por personalidades famosas como Hipócrates e Galeno. A palavra tem seu sentido em latim e por conseguinte para as línguas a partir desta, tendo como significado “qualquer meio ou procedimento usado no tratamento dos enfermos, dando origem a compostos como farmacoterapia, fisioterapia, hidroterapia, radioterapia, psicoterapia, etc” (apud REZENDE, 2010, p. 149).

Etimologicamente, a palavra em latim “ars” é citada como a originária da palavra “arte”, que tem o significado de “Maneira de ser ou de proceder, qualidade; habilidade (adquirida pelo estudo ou pela prática), conhecimento técnico; talento, arte, habilidade; artifício, astúcia; ofício, profissão; trabalho, obra, tratado” (ARS, c2022). Conforme o dicionário, a “arte” é como uma técnica ou habilidade/capacidade de fazer algo, produzir e/ou desenvolver (ARTE, c2022). Ferreira (2014, p. 21) descreve que a palavra “arte” é “complexa e polissêmica, abordada e/ou definida de modos diferentes por diversos autores”, e seu conceito é considerado por muitos teóricos como um trabalho árduo e impossível de ser realizado.

2.1 ARTE: UMA DISCUSSÃO SOBRE SUA FUNÇÃO E IMPORTÂNCIA

As pessoas utilizam a palavra “arte” para referir-se às coisas, seja uma pintura, trabalhos artesanais, porém, conforme Ferreira (2014, p. 21-22), “quando nos perguntam o que é arte, não conseguimos providenciar uma resposta satisfatória”, como já apresentado, não há uma definição única para tal termo, e para poder compreender o que seria a arte, é preciso estudar seu desenvolvimento.

Quanto a sua origem, Fischer (1983, p. 21) afirma que é “tão antiga quanto o homem”. A arte evoluiu com os povos primitivos, pois, por meio das representações artísticas das suas vivências, foram nascendo novas formas de comunicação que se aprimoraram com as práticas (CIORNAI, 2004).

É inato do ser humano se expressar por meio de várias linguagens, como as linguagens plásticas, poéticas ou musicais. Antes mesmo de inventar a escrita, o homem já recorria a manifestações artísticas para expressar emoções, revelar outro mundo sob sua ótica e até controlar a realidade com toques de magia (SANTOS; CUSTÓDIO, 2017, p. 2)

Neste contexto a expressão dos sentimentos e pensamentos humanos por meio de figuras e trabalhos artísticos, é de certa forma, primitiva. Este impulso lúdico da arte possibilitou ao ser humano a criação de formas dinâmicas de representações e contemplações, consideradas atualmente como a libertação da personalidade humana (SANTOS; CUSTÓDIO, 2017).

A história da arte entra em consonância com a história da humanidade, uma vez que os seres humanos se apropriaram da técnica para a sua expressão. Por meio desta é possível compreender o que estava emergente em determinado tempo, quais eram suas incertezas, suas críticas e pensamentos para o futuro. Conforme Ravena e Siviani (2004, p. 299), “A arte é uma captação permanente do movimento do gosto e das ideias de uma época. Ela nos informa sobre seus grandes movimentos”.

A arte pode ser considerada um dos meios abstratos de comunicação, e se assemelharia com uma ponte que leva a obra ao expectador, por meio da obra é possível levar aos expectadores questionamentos, conectando-se com o material, podendo surgir um coletivo universal, ou mesmo produzindo conflitos entre o sentimento e a razão (FISCHER, 1983).

[...] toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1983, p. 17).

Fischer (1983, p. 19) descreve que a arte estaria necessária para conhecer o mundo, assim como seria necessária “em virtude da magia que lhe é inerente”. A magia a que se refere, pode ser traduzido como algo maior que a própria razão, o qual domina o vasto mundo real inexplorado. O autor discorre um pouco mais sobre o termo “magia”, apontando que “A arte era um instrumento mágico e servia ao homem na dominação da natureza e no desenvolvimento das relações sociais” (FISCHER, 1893. p. 44), instrumentos estes que se fizeram muito presentes em cerimônias entre os

povos mais primitivos e também de algumas civilizações mais conhecidas, como a da Grécia antiga (PHILIPPINI, 1995).

Conceituar a arte é complexo, justamente por esta ser concebida como uma pluralidade de significados, construídos pela humanidade durante seu uso e transformação. Paín (2009, p. 11) contribui para a discussão, apontando que

As dificuldades para chegar a um acordo sobre uma definição de arte capaz de incluir todos os objetos que reclamam tal denominação são múltiplas. Os critérios para considerar um objeto como uma obra de arte são flutuantes, não somente em relação às produções artísticas contemporâneas, como também às oriundas [...] de toda atividade que elabore imagens.

Segundo a autora, “é cada vez mais difícil definir as qualidades que uma obra de arte deve ter para ser considerada digna desse nome” (PAÍN, 2009, p. 13), porém, a nova concepção de arte — a arte contemporânea —, se desfez das regras canônicas, antes exigidas para uma produção artística, modificada pela passagem moderna da arte, a qual considerava apenas o plano estético das obras, “isolando-a de outros fatores como a utilidade, o artesanato, o sentimento, o religioso a expressão psicológica e até a função semiótica da manufatura não artesanal” (p. 12).

É por este caminho que a arteterapia transita no novo contexto do emprego da arte, já não mais como uma amostra de beleza, a arte passa a ter um significado e a significar os sentimentos humanos, dando abertura para que os conflitos psíquicos passem a ser visíveis, palpáveis e passíveis de uma compreensão mais abrangente, permitindo que possam ser trabalhados e ressignificados.

2.2 O DESENVOLVIMENTO DA ARTETERAPIA

Para os gregos, por exemplo, “as artes como música, poesia, teatro, escultura eram tidas como verdadeiros remédios para a alma tanto do artista quanto do espectador” (SIMÕES, 2008 apud FRANÇA, 2019, p. 121; VASQUES, 2009, p. 27; AMART, c2021b). As representações artísticas eram consideradas fontes para a criação de indivíduos mais criativos e saudáveis, pois, tais práticas eram classificadas como reveladoras e transformadoras (PHILIPPINI, 1995).

Nisto, McNiff (1981 apud CIORNAI, 2004, p. 176) aponta haver uma semelhança entre os atuais psicoterapeutas e os xamãs de épocas mais arcaicas, registrando a integração das artes da psicoterapia como o retorno dos métodos

curativos “mais antigos e mais validados através dos tempos”. A cura, que aqui é citada, quer significar o cuidado, o cuidar (FERRETTI, 2004).

A utilização da arte em terapias começa ser estudada no final do século XIX e estão ligadas às práticas dos psiquiatras da época em seus trabalhos com os “doentes mentais” dos hospitais em que trabalhavam. De acordo com Gilman (1995 apud ANDRIOLO; 2006), por volta do ano de 1845, um dos fundadores da organização que veio a se tornar a *American Psychiatric Association* (APA), o alienista Pliny Earle, publicou sobre as obras que pacientes psiquiátricos fizeram, e três anos mais tarde, Forbes Willow, alienista, contribuiu para o ensaio de Earle, observando as semelhanças das obras dos pacientes coletadas de asilos britânicos por 20 anos.

No ano de 1872, Ambroise Tardieu, médico psiquiatra, em seu estudo sobre a insanidade, publica um livro contendo suas observações acerca das pinturas confeccionadas pelos doentes. Quatro anos após, o médico Max Simon em seus estudos relacionados sobre o mesmo tema, estabeleceu grupos de acordo com formas de representação em categorias psiquiátricas, sendo elas “melancolia”, “mania crônica”, “megalomania”, “paralisia geral do louco”, “demência” e “imbecilidade” (ANDRIOLO; 2006, p. 45).

Com a catalogação e discussões posteriores, as pinturas e demais confecções dos “doentes” serviram para os médicos como um auxiliar para diagnosticar os pacientes, como explica Andriolo (2006, p. 45-46), as obras serviam como um registro documental dos sintomas dos pacientes e a partir destas o médico competente poderia identificar o tipo do delírio e assim realizar o diagnóstico. O autor aponta que “Nesse contexto, os médicos viam uma espécie de “reflexo” entre doença e produção plástica, cabendo ao discurso psicopatológico estabelecer as relações entre ambas.” Ou seja, as produções dos pacientes ofereciam aos médicos uma demonstração visual e simbólica do que a pessoa estava sentindo, e com isso, possibilitava um melhor entendimento e por consequência o delineamento do diagnóstico para o tratamento.

Já no século seguinte, as publicações seguiram a mesma linha, e na primeira década do século XX muitos pesquisadores passam a estudar o fenômeno, como Dantas (1900), que realizou sua monografia baseada nas produções plásticas dos pacientes no Hospício de Rilhafolles. Outros pesquisadores notáveis fazem parte desta trajetória, como August Marie que abriu em 1905 um pequeno museu para

exposição das obras dos pacientes, denominado “*Musée de la folie*” (ANDRIOLO, 2006, p. 46)

Também no ano de 1905, Fusac escreveu o livro “*Les écrits et les dessins dans maladies mentales et nerveuses*” sobre as produções dos pacientes que observou. No ano seguinte, Fritz Mohr publicou “*Über zeichnungen von Geisteskranken und ihre diagnostische Verwertbarkeit*” no “*Journal für Psychologie und Neurologie*” no qual discorre sobre o uso dos desenhos para uso diagnósticos (ANDRIOLO, 2006, p. 46).

Osório Cesar (1955 apud ANDRIOLO, 2006, p. 46) explica que um estudioso de nome Lombroso reuniu cerca de 107 obras dos alienados quando estavam em “moléstia” e percebeu que muitas destas assemelhavam-se com obras consideradas primitivas, querendo referenciar os registros artísticos encontrados na África e na Oceania, realizada por povos ditos “inferiores” aos europeus pela visão etnocêntrica da época. Lombroso considerava tal expressão um “retorno à infância e a humanidade” (ANDRIOLO, 2006, p. 46).

Como continuidade do processo, ainda na primeira década do século XX, o olhar diagnóstico das obras, dá espaço para um estudo mais profundo acerca das produções dos “loucos”. Marcel Réja é um dos grandes exemplos desta mudança quando passou a ter um olhar antropológico das funções simbólicas das obras, como explica Andriolo (2006, p. 46), foi “o primeiro a notar elementos propriamente artísticos naquelas obras, ainda que estivessem presentes em suas análises traços da interpretação psicopatológica”.

Um evento marcante sobre as análises das obras dos alienados aconteceu em 1922 com a publicação do livro de Hans Prinzhorn “*Bildnerei der geisteskranken*”, no qual concentra o trabalho de dois anos e meio de “uma coleção de mais de cinco mil peças, reunindo obras provenientes de vários asilos europeus, com as quais realizou o mais amplo estudo da produção artística de internos daquele momento”. Suas análises a partir deste foram baseadas no modelo psicanalítico de Freud (ANDRIOLO, 2006, p. 46-47).

Na época estava em ascensão a teoria psicanalítica e é imprescindível apontar a contribuição do grande teórico Freud para o desenvolvimento da arteterapia. Como afirma Loiola e Andriola (2017, p. 18): “Apesar de Freud não ter se aprofundado no tema, atentou-se com fascínios para obras de arte, na qual cita em sua obra Moisés de Michelangelo. Freud norteava suas análises baseadas em percepções do sentir.” Na análise, Freud escreve que sente prazer quando olha para ela, afirmando que

aquela era “o topo” das artes modernas, pois, conforme seu texto, nenhuma outra escultura havia produzido maior efeito sobre ele (FREUD, 2012).

Freud conseguiu perceber certas representações sentimentais na escultura, como a cólera, que poderia ser referente a indignação de Moisés diante dos acontecimentos com o povo, ou mesmo quanto ao relacionamento que o artista tinha com o papa Júlio II. Na teoria criada por Freud, as obras de arte funcionavam como uma sublimação dos desejos sexuais, que são desviados por não serem moralmente adequados para produções passíveis de serem mais aceitas pela sociedade. Essas produções carregam muitas informações simbólicas, pois o inconsciente se comunica por imagens como uma forma de catarse (AMART, c2021a).

O psicanalista fez a análise de muitas outras obras além da escultura de Michelangelo, como descrito em sua obra de nome “*Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*” de 1910, considerada a obra fundadora do processo da psicanálise da arte (GAILLARD, 2010, p. 121, grifo nosso).

Nesse ensaio brilhante e audacioso, Freud, com efeito, como se sabe, tenta analisar a obra de Leonardo da Vinci em função do que o artista vivera já no berço - é a famosa lembrança do pássaro que teria vindo a seu berço, abria-lhe a boca com o rabo, fustigando-lhe os lábios repetidas vezes (GAILLARD, 2010, p. 121).

Tal obra contém descrições sobre as variadas simbologias encontradas na obra do artista acerca das suas memórias de quando criança e é considerado por Gaillard (2010) o marco para as análises subsequentes das artes em viés psicanalítico. Os textos sobre Da Vinci impressionaram um de seus colegas e um antigo discípulo, que divergiu da teoria psicanalítica, passando a olhar para esta por outro ângulo. Jung, apesar de apresentar opiniões diferentes das de Freud, ficou satisfeito com suas visões sobre a obra.

A diferença das opiniões se resume à explicação de Kyian et al. (2006 apud SILVA, M. et al., 2017, p. 3): “Enquanto Freud considerava a arte como uma sublimação de impulsos sexuais e agressivos, Jung via a arte como estruturante do pensamento e a criatividade como uma função psíquica”, pois, a teoria de Freud gira em torno do desenvolvimento sexual e psicológico (psicossexual) da criança, já a teoria analítica de Jung olha o ser humano por seu aspecto total, como descreve Fiorindo (2014, não paginado).

Carl Gustav Jung introduziu uma nova maneira de praticar a psicologia clínica, uma outra visão de mundo e do homem. Ressaltava que o homem deveria ser visto por inteiro, ou seja, como um todo. [...] Enquanto a teoria de Freud buscava as causas, a de Jung buscava a direção, a finalidade, então devido à incompatibilidade de ideias, ambos romperam.

O uso da arte não pautou-se apenas para as análises dos artistas, mas foi introduzida no processo de terapia. Jung, por exemplo, passou “a utilizar a arte no tratamento de seus clientes e a interpretar as produções artísticas de culturas e civilizações, criando o conceito de arquétipo, fonte de alimentação do psiquismo humano” (KYIAN et al., 2006 apud SILVA, M. et al., 2017, p. 3) na década de 1920 (ANDRIOLO, 2006). Como pontuado por Nazareth (2009, p. 33),

A arteterapia, nos moldes em que a conhecemos atualmente, tem uma história bastante recente no mundo ocidental. Ela surge logo após a II Guerra Mundial, em um momento de extrema desorganização social e crise nos valores humanos que sustentavam o projeto da modernidade.

A arteterapia surge como campo de conhecimento nos Estados Unidos no ano de 1940, pelas mãos de um viés psicanalítico da teoria freudiana de Margareth Naumburg, a pessoa responsável pelo estabelecimento das fundamentações teóricas para o desenvolvimento da prática, bem como demarcou a arteterapia como área de saber (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010).

Como área de saber, a arteterapia é considerada uma “modalidade terapêutica com características próprias, abarcando em si algumas distinções técnicas e conceituais” que se resumem em duas linhas principais, da *artepsicoterapia* e da *arte como terapia* (VASCONCELOS; GIGLIO, 2007, p. 377, grifo nosso). A artepsicoterapia, definida por Carvalho R. (2013, p. 9) “destaca-se como um método de tratamento psíquico que utiliza mediadores artísticos no contexto de um processo terapêutico específico”.

A precursora do pensamento artepsicoterapêutico, Margareth Naumburg sugere que “os recursos artísticos são utilizados amplamente durante o processo psicoterapêutico, acrescentando a via imagética e pictórica na comunicação entre paciente e psicoterapeuta” (VASCONCELOS; GIGLIO, 2007, p. 377).

Margareth afirmava que a artepsicoterapia possibilita a liberação do inconsciente pela expressão espontânea, sendo ela gráfica ou plástica, com incentivo a associações livres, pois o terapeuta não analisaria a obra, mas deixava que o próprio

artista descobrisse o significado das suas produções (NAUMBURG, 1991 apud SEI, 2009a). Conforme Naumburg (1991 apud VASCONCELOS; GIGLIO, 2007, p. 376):

O processo de arteterapia se baseia no reconhecimento de que os pensamentos e os sentimentos mais fundamentais do homem, derivados do inconsciente, encontram sua expressão em imagens e não em palavras. As técnicas da arteterapia se baseiam no conhecimento de que cada indivíduo, treinado ou não em arte, tem uma capacidade latente de projetar seus conflitos internos em forma visual. Quando os pacientes visualizam tais experiências internas, ocorre freqüentemente que eles se tornam mais articulados verbalmente.

A *arte como terapia*, quem atua é Florence Cane, a irmã de Margareth. Diferentemente da primeira descrição, este campo tem seu foco “no processo artístico, considerando suas propriedades curativas” (VASCONCELOS, GIGLIO, 2007, p. 377, grifo nosso). Florence adotou um caminho diferente da irmã e com sua formação em arte, ela acreditava que todo ser humano tinha o poder da criação e que a cura para quem necessitava, ocorria por meio de uma catarse artística, onde a pessoa estaria acompanhada por um profissional que fosse ajudar a pessoa a reconhecer o que estaria sendo expresso (CANE, 1983 apud SEI, 2009a).

Quem acabou criando o termo “arteterapia” (originalmente *art therapy*), foi um europeu de nome Adrian Hill em 1942 no Reino Unido, utilizando da prática já usada em outro continente e países para o tratamento dos soldados traumatizados pela guerra (CASE; DALLEY, 1992 apud SEI, 2009a). A Associação Americana de Arteterapia (originalmente *American Art Therapy Assotiation - AATA*) foi fundada apenas no ano de 1969 (ALLESSANDRINI, 2009, grifo nosso).

2.2.1 A arteterapia no Brasil

No território brasileiro a prática da arte em terapia era utilizada por psiquiatras desde a década de 20, porém, foi se formar como campo de conhecimento após a vinda de Hanna Yaka Kwiatkowska no ano de 1960 (SEI, 2009a; SILVA; CARVALHO; LIMA, 2013). Assim como descrito nos estudos europeus, o médico psiquiatra Ulysses Pernambucano foi um dos primeiros no solo brasileiro a relacionar a arte e a loucura, elaborando posteriormente estudos e conferências sobre essas produções (ANDRIOLO, 2004-2006).

Silvio Moura, incentivado por Pernambucano, apresentou sua tese de conclusão da faculdade de Medicina sobre a manifestação artística dos pacientes de alguns hospitais do país no ano de 1923, conferindo como o primeiro texto brasileiro sobre o tema, correlacionando-se com a literatura das pesquisas realizadas em outros países (MOURA, 1923 apud ANDRIOLO, 2006).

Osório César também utilizava das produções artísticas dos pacientes para estudo e compreensão dos fenômenos da loucura, também muito influenciado pela teoria psicanalítica e pelos estudos posteriores de autores como Prinzhorn (ANDRIOLO, 2006).

Nise da Silveira foi uma médica psiquiatra brasileira que lutou fortemente contra os métodos de cura da loucura utilizados pela década de 1940, que mais se assemelhavam a tortura, o uso de camisa de força, isolamento, o eletrochoque, técnica originada por Ugo Cerletti, e a prática da lobotomia, concebida por Egas Moniz, que posteriormente recebeu um prêmio Nobel pela invenção. Conforme Torre e Amarante (2011 apud VIEIRA; CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2017, p. 260), Nise

contestou práticas do modelo psiquiátrico então vigente, sendo avessa a esse poder médico que enquadrava, controlava e corrigia os modelos desviantes da sociedade. Nise era defensora de um olhar humanista, dando novos contornos e sentidos aos tratamentos e às relações entre médicos e pacientes

Nisto, a médica propôs uma reformulação dos modelos de tratamento das pessoas no Hospital Psiquiátrico onde trabalhava, dando início aos seus trabalhos envolvendo a arte na terapia ocupacional

A oposição de Nise da Silveira a essas técnicas se deu fundamentalmente a partir da criação de um ateliê terapêutico no Setor de Terapia Ocupacional e Reabilitação do antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, localizado no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Para Nise o uso da arte era uma técnica de textualização das sensibilidades e dos afetos do paciente. O trabalho de Nise da Silveira pode ser considerado a experiência brasileira que serve como referência para as proposições da atual reforma psiquiátrica (MELLO, 2005 apud VIEIRA; CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2017, p. 265).

Durante sua trajetória com as obras dos pacientes, Nise encontrou algumas similaridades com as imagens do trabalho de Jung, e manteve contato com o teórico por meio de cartas, onde enviou a ele algumas das representações confeccionadas pelos pacientes. (SILVEIRA, 1981 apud VIEIRA, CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2017).

As produções dos pacientes posteriormente se tornaram peças de um museu realizado no próprio hospital para expor aos visitantes, recebendo o nome de “Museu de Imagens do Inconsciente” (SILVEIRA, 2015 apud VIEIRA, CAVALCANTI; CAVALCANTI, 2017, p. 266).

O início da jornada da arteterapia no Brasil situa-se na década de 60, dado que, a partir daquele ano foi ministrado no país um curso de especialização na área por profissionais de outros países (CIORNAI; DINIZ, 2008 apud SEI, 2009a). Maria Margarida de Carvalho foi uma das precursoras da arteterapia no Brasil, especializando-se na área e abrindo sua clínica em Arteterapia em seu consultório particular no ano de 1968 (CARVALHO, M., 2006 apud SEI, 2009a).

O 1º Encontro Paulista de Arteterapia, em 1993, Carvalho M. (1995) organizou com outros profissionais da área o livro de nome “A Arte Cura? Recursos Artísticos em Psicoterapia” em 1995 (CARVALHO, M., 1995 apud SEI, 2009a, p. 14-15). Outro nome bastante importante para o desenvolvimento da arteterapia no Brasil é o de Ângela Philippini nos anos 70, sendo influenciada pelos trabalhos realizados por Nise da Silveira. Ela fundou em 1982 a Clínica POMAR, no ano seguinte passando a atuar em Formação em Arteterapia (PHILIPPINI, 2006 apud SEI, 2009a).

O primeiro curso de Introdução à Arteterapia foi realizado em 1989 no estado de São Paulo e dois anos mais tarde foi realizado o primeiro curso de especialização e aperfeiçoamento na área. Selma Ciornai é outra contribuinte importante para a Arteterapia, tendo se especializado em universidades fora do país na década de 70 (CIORNAI, 2006 apud SEI, 2009a).

A partir destas iniciativas, vários cursos de extensão, especialização e aperfeiçoamento em Arteterapia começaram a ser ministrados pelo país. Em 2006, a União Brasileira das Associações de Arteterapia (UBAAT) foi fundada buscando o reconhecimento da arteterapia enquanto campo de conhecimento específico, dois anos após a formação de alguns fóruns estaduais no país (UBAAT, 2008 apud SEI, 2009a).

Como profissão, apesar de ter-se firmado como campo de conhecimento no século XX, a arteterapia só foi reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) em 31 de janeiro de 2013 e recebe o código 2263-10, enquadrando-se juntamente a família dos profissionais das terapias criativas, equoterápicas e naturológicas (BRASIL, c2017).

Outro marco importante para o desenvolvimento e divulgação da arteterapia, foi a sua inclusão na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), no dia 27 de março de 2017, juntamente a “Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga”. Essas Práticas Integrativas e Complementares (PICS) constituem abordagens e recursos terapêuticos que se desenvolveram e contribuem para o cuidado e promoção a saúde de um âmbito global (BRASIL, 2017).

Tendo como respaldo pelas diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde do Brasil aprovou, em 3 de maio de 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) no Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2020).

o debate sobre as práticas integrativas e complementares começou a despontar no final de década de 70, após a declaração de Alma Ata e validada, principalmente, em meados dos anos 80 com a 8ª Conferência Nacional de Saúde, um espaço legítimo de visibilidade das demandas e necessidades da população por uma nova cultura de saúde que questionasse o ainda latente modelo hegemônico de ofertar cuidado, que excluía outras formas de produzir e legitimar saberes e práticas (BRASIL, 2020).

O debate promoveu uma mudança na perspectiva da saúde-doença, e passou a se considerar a adição de novos modos de cuidado e prevenção, além dos modelos tradicionais conhecidos e ao todo, são atualmente contabilizadas 29 práticas integrativas e complementares que são oferecidas gratuitamente a toda população em todos os municípios do país por meio do Sistema único de saúde (SUS) (BRASIL, 2020).

A arteterapia no Brasil ainda está em constante desenvolvimento e encontra-se ganhando mais espaço conforme torna-se conhecida pelas pessoas, principalmente quando revela-se como uma prática tão flexível e acolhedora para todos, evidenciando os benefícios da sua utilização pela população.

2.3 A ARTETERAPIA NO PROCESSO TERAPÊUTICO

A arteterapia, pode ser considerada um recurso de transformação da pessoa, além da promoção da saúde, a prática pode conseguir levar ao sujeito a um processo de ressignificação das suas experiências e “à ampliação de sua consciência e ao

autoconhecimento, reconduzindo-o à integridade e ao centro de sua existência” (NAZARETH, 2009, p. 34). A arteterapia apresenta seus fundamentos teóricos e práticos nos aspectos

multidisciplinares, multiculturais e transdisciplinares. Sua base estrutural origina-se nas áreas do conhecimento da Psicologia, Arte, Criatividade, Educação, Filosofia, Antropologia e Sociologia, inserindo-se portanto, na área das Ciências Humanas (UBAAT, 2019, p. 3).

Essa característica multidisciplinar abrange várias áreas de conhecimento e abre portas para a inserção de inúmeros recursos para as intervenções/sessões arteterapêuticas, como descreve Reis (2014b, p. 143), a arteterapia utiliza a atividade artística para as intervenções terapêuticas para promover a saúde, bem como a qualidade de vida, englobando as linguagens “plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança”.

Com as produções pela linguagem artística, ou seja, de uma produção não verbal, mas simbólica, a pessoa consegue demonstrar, com sua criatividade, sua subjetividade, dando o caminho necessário para conseguir compreender quais são suas angústias, seus sonhos, suas dores e alegrias, como Sei (2009b) pontua, por meio da linguagem artística pode-se ter um acesso mais fácil aos conteúdos intensos de sofrimento, dificilmente verbalizados. A autora acredita que o estímulo à criatividade desperta alguns recursos adormecidos nas pessoas, tendo um maior aproveitamento dos potenciais enferrujados e assim promovendo sua saúde.

No meio terapêutico, as artes são aliadas ao processo de relaxamento, que permite uma imersão em si, além disso,

Arte possibilita relaxar as defesas, errar, experimentar, sentir, brincar, deixar transparecer o lado criança da nossa personalidade - a nossa essência. Faz-se brincando o que é preciso aprender a fazer na vida - ter a coragem necessária para ser e vir a ser reconectar o lado prazeroso, divertido e aprender com o que na prática, muitas vezes não dá certo (erros) (MAY, 1975 apud NORGEN, 2009, p. 39).

Neste sentido, é imprescindível destacar o papel ativo da arteterapia no processo da saúde mental das pessoas, pois, o profissional arteterapeuta exerce papel fundamental e atua na prevenção e promoção da saúde da pessoa, utilizando das variadas formas de expressão dos sentimentos, com recursos praticamente

ilimitados para tal (VEBER et al., 2017). Este utiliza dos métodos e técnicas do campo de conhecimento da Arteterapia, a qual visa a produção simbólica e a comunicação criativa não verbal (STEINBERG, 2009) “para promover mudanças através do reconhecimento da própria subjetividade e identidade” (UBAAT, 2019, p. 3).

Sobre a saúde mental, a OMS tem uma proposta para a definição desta, afirmando que seria um sentimento pleno de bem-estar, não sendo apenas a ausência de doenças, porém, levanta várias críticas dos profissionais da saúde, uma vez que a plenitude deste bem-estar é tido como utópico e inatingível (OMS, 2001 apud GAMA; CAMPOS; FERRER, 2014).

A existência de uma pessoa inclui os erros, os fracassos, as privações, as opções de vida, os desejos, as angústias existenciais, os desafios e as contradições. Quando criamos um conceito de saúde que impede uma conexão com a vida cotidiana, que exclui as oscilações, as possíveis aventuras e as escolhas singulares (GAMA; CAMPOS; FERRER, 2014, p. 72).

Deste modo, a promoção da saúde das pessoas acontece quando há a conexão entre as variadas possibilidades de atuação do ser humano, e permeia as camadas em que este vive e age, sendo nas questões biológicas, culturais, políticas, econômicas e sociais (IGLESIAS; AVELLAR, 2016).

A arteterapia, neste sentido, se propõe a penetrar camadas profundas da vivência humana, procurando integrar todos esses fatores para a compreensão total do ser humano, para que a pessoa possa se conhecer apropriadamente e se (re)descobrir, ressignificar lembranças e pensamentos, adotar novos hábitos mais saudáveis e então conseguir ter uma boa qualidade de vida.

2.3.1 Requisitos para atuação profissional em arteterapia

Para exercer a função de arteterapeuta, a pessoa precisa obter uma formação especializada, com seu terceiro grau completo e especializar-se em arteterapia, garantindo assim, seu reconhecimento profissional de arteterapeuta. O curso necessita ser regulamentado pelos parâmetros estabelecidos pela UBAAT para conseguir o registro profissional pelas Associações regionais do país para trabalhar legalmente no campo (UBAAT, 2019).

Profissionais graduados em diferentes áreas do conhecimento podem trabalhar e se utilizar da arteterapia, como Reis (2014b, p. 143) descreve,

Conforme delimita a Associação, a arteterapia é uma especialização destinada a profissionais com graduação na área da saúde, como Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia, embora se reconheça sua utilização por pessoas formadas nas áreas das artes e da educação, desde que sem o enfoque clínico

O reconhecimento profissional permite ao profissional pelo prestar concurso público e ser contratado por empresas e/ou instituições, como: ONGs (Organizações Não Governamentais), consultórios, CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), presídios, instituições de recuperação social, em educação e saúde. Como função, o arteterapeuta, atende seus pacientes, utilizando-se de métodos e técnicas arteterapêuticas específicas, orientando-os.

Desenvolvem programas de prevenção, promoção de saúde e qualidade de vida. Exercem atividades técnico-científicas através da realização de pesquisas, trabalhos específicos, organização e participação em eventos científicos (BRASIL, c2017).

2.3.2 Conselhos e instituições brasileiras envolvidas na arteterapia

As associações regionais que fazem parte da UBAAT são: Associação de Arteterapia de Estado do Maranhão (AAMA); Associação de Arteterapia da Paraíba (AAPB); Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro (AARJ); Associação de Arteterapia do Espírito Santo (AARTES); Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul (AATERGS); Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (AATESP); Associação Brasil Central de Arteterapia (ABCA); Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT); Associação Mineira de Arteterapia (AMART); Associação Paranaense de Arteterapia (APAT); Associação Pernambucana de Arteterapia (ARTE-PE); Associação de Arteterapia da Bahia (ASBART); Associação Potiguar de Arteterapia (ASPOART). (AATERGS, c2022).

O local de trabalho do arteterapeuta é um espaço de sigilo e deve-se pensar nas implicações da exposição dos trabalhos dos pacientes e seus casos. O profissional deve ainda respeitar as opiniões pessoais e os valores da pessoa, independentemente dos seus vieses religiosos ou políticos, não podendo julgá-la sob a ótica dos seus ideais pessoais, pois cada experiência é válida e cada pessoa é diferente (TOMASSI; NERING, 2017).

3 O USO DA ARTETERAPIA POR PROFISSIONAIS DA PSICOLOGIA

A arteterapia é uma prática flexível, por conseguinte, ela pode ser aplicada em diferentes momentos, de maneiras diversas e com recursos infinitos, porém, ela será apenas reconhecida como psicoterapêutica, se aplicada por um profissional da psicologia, habilitado para tal função (ANDRADE; SOUZA; ANDRADE, 2016 apud BUENO; BRIDI FILHO, 2019), além disso, a atuação do/a arteterapeuta precisa ser pautada na ética da profissão, similar aos definidos pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) (TOMASSI; NERING, 2017).

A psicologia, como ciência, detém de abordagens diversas na compreensão do ser humano e suas complexidades. Cada uma delas tem sua maneira para avaliar a pessoa, seja por pulsões, pensamentos, comportamentos e suas diversas produções. Desta maneira, as diferentes abordagens podem utilizar da arteterapia no meio terapêutico como um instrumento para auxiliar o processo da terapia, evidenciando em cada uma delas os benefícios da sua aplicação.

3.1 MODALIDADES E INSTRUMENTOS DA PRÁTICA

Com a versatilidade da arteterapia e a infinidade de maneiras de utilizá-la no meio terapêutico, principalmente por sua base abrangente de recursos, o que permite que os pacientes se expressem de sua própria maneira, tendo autonomia para escolher os materiais e explorar a sua própria subjetividade com a expressão artística, as técnicas podem ser aplicadas tanto no âmbito verbal quanto não verbal, conseguindo atender tanto crianças, adultos e idosos que apresentam ou não alguma limitação (MALCHIODI, 2005 apud MARTINS, 2012).

A comunicação verbal faz parte da elaboração do conteúdo expresso artisticamente, mas esta não é essencial, ou seja, não é fundamental para o desenvolvimento de um processo arteterapêutico. Através das artes, da música, do movimento corporal ou do jogo lúdico, pode-se transmitir profundos sentimentos, sem palavras, sendo nesse momento a principal forma de comunicação em arteterapia (MARTINS, 2012, p. 16).

Os métodos de aplicação da arteterapia são diversificados, mas, conforme Malchiodi (2007 apud SANTOS; CUSTÓDO, 2017) existem duas formulações para o método. Uma é a técnica diretiva, a outra, não diretiva. De acordo com a autora, o método diretivo seria baseado em uma instrução objetiva, como exemplo, pedir ao

seu paciente para desenhar sua família, já a não diretiva não há uma tarefa específica, há a liberdade de o paciente expressar o que ele quiser no recurso que ela quiser.

Na arteterapia, os recursos utilizados podem ser desde atividades como pintura, desenho ou colagem (LOPES, T. 2011); também podem ser utilizadas a música (EGENTI et al., 2017 apud NUNES et al., 2021); poesia, escrita ou contação de histórias (MARQUES, 2015); atividades corporais como danças e teatro (LOPES, R. 2020); atividades artesanais como mosaicos (CIORNAI, 2004), trabalhos com barro (SARAIVA, 2008), esculturação (CIORNAI, 2004; REIS, 2014b), gravuras (ANSCHAU, 2015), tecelagem (SILVA, A., 2019) e entre outras modalidades artísticas.

A prática da arteterapia não apresenta nenhuma contra indicação e todos podem se beneficiar do processo, independente dos seus transtornos, enfermidades e limitações físicas (CARVALHO, 1995; BILBAO, 2004; PHILIPPINI, 2008; PEREIRA, 1976; apud DUARTE; CARPIM, 2011), amplificando o campo de atuação da área, configurando-se uma prática inclusiva (DUARTE; CARPIM, 2011).

3.2 DIFERENTES ABORDAGENS EM ARTETERAPIA

A arteterapia, desde o seu desdobramento na psicanálise, tem sido estudada e fundamentada para a aplicação em outras abordagens. Dentre as mais famosas, destacam-se a Psicanálise, a Psicologia Analítica e a Gestalt, porém, outras abordagens têm incorporado as práticas da arteterapia em seus processos psicoterapêuticos, evidenciando a sua eficiência independentemente dos seus pressupostos (REIS, 2014b; BUENO; BRIDI FILHO, 2019).

Conforme Malchiodi (2007) e McNiff (1992), os estudos a que se refere são diversos e aplicados em diferentes populações, como “crianças, adultos, pessoas com dependências químicas, doenças crônicas e/ou terminais, veteranos de guerra, pessoas com deficiências entre outros” (apud SANTOS; CUSTÓDIO, 2017, p. 3), observando resultados positivos, seja individual, grupal, entre famílias e casais (SEI; ZANETTI, 2017). Cada abordagem tem seus métodos de compreensão do ser humano e de aplicação das técnicas, mas todas objetivando a melhoria da qualidade de vida da pessoa (REIS, 2014b).

Segundo Reis (2014a, p. 247)

Constata-se a existência de três abordagens clássicas na arteterapia: psicanalítica, junguiana e gestáltica, cujas principais referências são, respectivamente, os trabalhos de Margaret Naumburg (1966), Nise da Silveira (2001) e Janie Rhyne (2000).

Outras abordagens, como a Psicologia Centrada na Pessoa e a Psicologia Cognitivo-Comportamental, também apresentaram materiais sobre a temática, envolvendo a aplicação e o estudo, no entanto, em menor quantidade que as demais.

3.2.1 Arteterapia Psicanalítica

Baseado nos preceitos postulados por Freud sobre os determinantes do inconsciente, Naumburg considerava a arte como um espelho, a qual se tornava uma ponte, refletindo as informações, promovendo um diálogo entre o consciente e o inconsciente (ANDRADE, 1995 apud REIS, 2014b). Na visão de Naumburg, as imagens formadas simbolicamente expressariam mais sentimentos do que as palavras propriamente ditas e desta forma, favoreceria a projeção dos conteúdos inconscientes, facilitando a comunicação entre paciente e terapeuta (REIS, 2014b).

Conforme Reis (2014b, p. 150) “As imagens produzidas no fazer artístico são assim abordadas como em um procedimento psicanalítico, podendo ser ligadas a conteúdos de sonhos, fantasias, medos, memórias infantis e conflitos atuais vividos pelo sujeito.” Neste contexto, o pressuposto da arteterapia psicanalítica seria o de que cada pessoa, independentemente das suas habilidades, é capaz de transferir e projetar os seus conteúdos (conflitos interiores) em produções artísticas.

A autora complementa que,

Nessa abordagem, a interpretação da expressão artística acontece sempre na relação transferencial, na qual o sujeito é incentivado pelo terapeuta a descobrir por si mesmo o significado de suas produções, estimulando-se o uso da livre associação, a fim de que ele expresse em palavras os sentimentos e os pensamentos projetados nas imagens pictóricas (REIS, 2014b, p. 150).

A arte é compreendida por um conceito postulado por Freud, a sublimação, que pode ser compreendida como uma forma de desvio das pulsões sexuais, canalizadas a outra atividade mais valorizada e aceitável social e moralmente (REIS, 2014b), como uma espécie de transformação, na compreensão de Krammer, psicanalista austríaca e professora de arte.

Em sua visão, a produção das obras seria por si só uma terapia, dado que a prática “contribui para o equilíbrio psíquico e o fortalecimento do ego, mediante a resolução do conflito entre forças contrárias (id x superego), que encontram, via sublimação, uma possibilidade de síntese na atividade criadora” (KRAMMER, 1982 apud REIS, 2014b, p. 150).

Para a psicanalista, o artista seria a pessoa que conseguiu lidar com os impulsos e as demandas da instância do superego e a partir desta, é possível concluir que por meio da arte, na ótica da psicanálise,

se torna possível a expressão de desejos, impulsos, sentimentos e pensamentos que, muitas vezes, são inaceitáveis socialmente, sendo mais saudável encontrarem uma via de escape na arte do que serem recalçados, retornando na forma de sintomas (REIS, 2014b, p. 151).

O terapeuta, ao utilizar-se da arte como mediador no processo terapêutico dos seus pacientes, deve ser um conhecedor das artes e com isso, um auxílio para que estes consigam desenvolver e transmitir seus conteúdos, podendo-os organizar e então compreendê-los.

3.2.2 Arteterapia Junguiana

Na abordagem criada por Carl Gustav Jung, o ser humano seria guiado por símbolos. Os símbolos provem o self, o centro da saúde e da harmonia, a essência de cada pessoa. O self é expresso através destes símbolos, que precisam ser reconhecidos, compreendidos e respeitados (PHILIPPINI, 2013 apud SILVA, A. 2019).

Conforme Von Franz (2008 apud SANTOS, J. 2017, p. 17)

o Self se define como um elemento de orientação íntima, que só pode ser acessado por meio da linguagem simbólica. A linguagem simbólica o mostra como um “centro regulador” que, constantemente, faz com que a personalidade do indivíduo se desenvolva e amadureça. [...] A evolução do Self dependerá diretamente do desejo do ego em atender-se às mensagens do inconsciente.

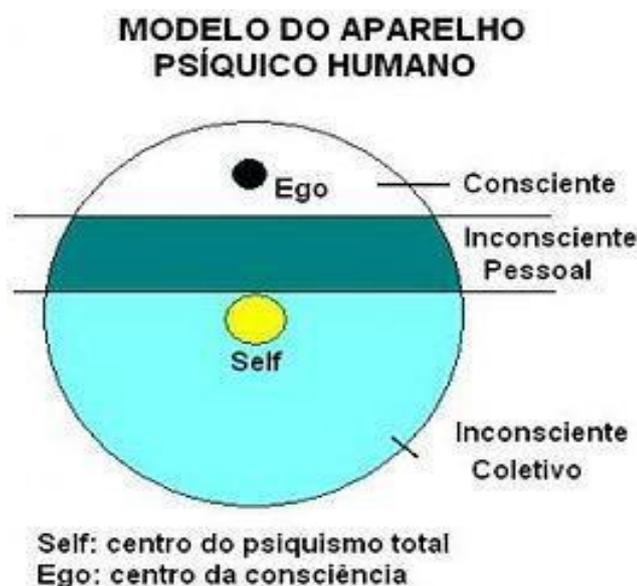
A simbologia produzida pela pessoa era parte do seu processo de individuação, que leva a conversa entre o consciente e inconsciente, como um disfarce e sua real forma, como explica Silva, A. (2019, p. 22) “O símbolo tem a função de ligar a consciência ao inconsciente, sendo a representação de uma imagem surgida no

inconsciente e transportada, entre e pelo ego, atingindo níveis de consciência.”. Na psicologia analítica, as imagens são uma maneira de expressão natural daqueles conteúdos que não possuem nome ou forma definida (SANTOS; CUSTÓDIO, 2017).

Philippini (2013 apud SILVA, A. 2017) aponta que neste processo de individuação, é possível perceber que há certas similaridades nas simbologias pelos mitos e lendas criadas pela humanidade, mesmo sendo geograficamente uma distante da outra, carregam imagens e significados quase idênticos.

Baseando-se nesta percepção, Jung descreve o inconsciente coletivo, onde estão armazenados os arquétipos, definidas como “imagens primordiais e universais” (BARROS, 2009, p. 2). O modelo do aparelho psíquico humano proposto por Jung consiste em: consciente, inconsciente pessoal e então o inconsciente coletivo, concentrando pequenas áreas como o ego e o self, como exemplifica a Figura 1.

Figura 1 – Modelo do aparelho psíquico da teoria Junguiana



Fonte: Psicologia analítica. Disponível em: <<https://grazielabraz.wixsite.com/grazielabrazc/untitled-ck0q>>. Acesso em: 16, set. 2022.

Na teoria analítica, Jung propõe que o consciente seria a camada mais superficial e que as outras estariam mais abaixo, dando a ideia de profundidade do ser. O consciente abrigaria o ego, descrito responsável pela mediação do mundo exterior e do self (GRINBERG, 2003 apud SILVA, A. 2019).

O inconsciente abriga as camadas pessoais e coletivas de tudo o que fica fora da consciência, ou seja, tudo o que foi percebido, porém, não registrado, ou mesmo esquecido. Dentro do inconsciente coletivo, reside o self

O *Self* ou o Si-mesmo, é um arquétipo que representa a unidade dos sistemas conscientes e inconscientes, funcionando, ao mesmo tempo, como centro regulador da totalidade da personalidade. É responsável pelas características do indivíduo e suas atitudes em frente as escolhas da vida (SILVA, A. 2019, p. 32, grifo do autor).

Conforme Jung, ainda na infância, o inconsciente carrega todas as possibilidades e potencialidades da pessoa e com o desenvolvimento da criança o consciente e o inconsciente tornam-se diferentes (DINIZ, 2004 apud SILVA, A. 2019). Conforme a teoria de Jung (1987 apud SANTOS, J. 2017, p. 17), existe um processo de nome individuação, que consiste no processo de “torna-se único”, o que pode ser entendido como a construção da individualidade da pessoa. Neste processo, a pessoa torna-se o seu próprio Si-mesmo.

O teórico fez uso dessas expressões/produções artísticas com seus pacientes na década de 20, instruindo-os a desenharem livremente no papel. Jung (1991, apud SILVA, A. 2019, p. 23) “entendia que a simbolização do inconsciente individual e do coletivo ocorre no meio artístico, tornar os conteúdos inconscientes visíveis, possibilita acessá-los, e consecutivamente compreendê-los”.

Suas teorias acerca da produção pessoal corroborou para a expansão e desenvolvimento da prática e teoria da arteterapia. Suas contribuições vigoram atualmente e ajudam na compreensão da simbologia expressada nas confecções artísticas. Malchiodi (2007 apud SANTOS 2017, p. 4) aponta que Jung inspirou uma das formulações utilizadas atualmente no processo da arteterapia, a técnica não diretiva, segundo a autora “a formulação não diretiva é inspirada no método junguiano da imaginação ativa, uma derivação da livre associação freudiana, o qual consiste em absorver as imagens que brotam espontaneamente na mente”.

Deste modo, a expressão das imagens espontâneas se tornaram fundamentais para o processo psicoterapêutico, pois permitiram um contato mais íntimo e encorajador da comunicação simbólica e da autenticidade dos conteúdos expressos (SANTOS; CUSTÓDIO, 2017), pois, “o que importa não é o domínio técnico, mas o simbolismo presente na expressão plástica. O que interessa é o conteúdo e não a forma, no percurso percorrido pelo cliente”, deste modo, entende-se que a

simbolização facilita o contato dos seus conteúdos, e a arte apresenta-se como um importante fator estruturante na vida da pessoa (FIORINDO, 2014, não paginado).

O terapeuta analisa os simbolismos das produções da pessoa, trazendo seus conceitos para os arquétipos e mitologias, na tentativa de compreender sua origem, observando sua mudança de forma, sua máscara e o que quer significar, e para tanto, Reis (2014b, p. 152) pontua que

Existem inúmeras técnicas que podem ser usadas pelo psicólogo em um trabalho de arteterapia na linha junguiana, propondo-se atividades específicas ou simplesmente disponibilizando ao indivíduo diferentes materiais à sua escolha (papéis, giz pastel, tintas diversas, aquarela, argila, etc.).

Muitos trabalham com a expressão livre, mas pode-se estar trabalhando com sessões estruturadas com objetivos pertinentes, que visam auxiliar o paciente em seu processo de individuação, processo no qual “um ser se torna realmente uma unidade, uma totalidade, pela integração consciente de seus vários aspectos inconscientes, manifestando a sua unicidade”, ou seja, tornando-se ele mesmo. Na arteterapia de orientação junguiana, a pessoa desenvolve sua personalidade, promovendo sua autorrealização através da arte. (SILVEIRA, 2001; VON FRANZ, 1977; apud REIS, 2014b, p. 153).

3.2.3 Arteterapia Gestáltica

A inserção da arteterapia na Gestalt aconteceu com Janie Rhyne com o livro intitulado “Arte e Gestalt: Padrões que Convergem” em 1973, associando os conceitos da abordagem com as técnicas da arteterapia, tanto em um contexto terapêutico, quanto educacional (RHYNE, 2000 apud REIS, 2014b, p. 153-154). Reis (2014b) aponta que o centro da Gestalt é a percepção e na articulação com a arteterapia, a arte promoveria a ampliação da percepção da pessoa.

Em seu significado, a palavra Gestalt vem do alemão, compreendida como “forma, uma configuração, o modo particular de organização particular das partes individuais que entram em sua composição” (PERLS, 1988 apud REIS, 2014b, p. 154). O sujeito, nesta abordagem, é tido como um ser completo, obedecendo a uma configuração total, onde a pessoa é formada por partes, mas vista como um conjunto de tudo o que a forma, em que o todo é maior do que a soma de suas partes (REIS,

2014b; SILVA; CARVALHO; LIMA, 2013). Conforme Ciornai (2004 apud SILVA; CARVALHO; LIMA, 2013, p. 21), na abordagem da Gestalt-terapia,

o sujeito é compreendido como um sistema aberto, em constante desenvolvimento e crescimento em função de trocas criativas com o ambiente; ou seja, ele é um ser relacional que interage com o mundo. As funções de contato, mecanismos que o indivíduo dispõe para se relacionar com o campo, são sempre criativas na medida em que lidam com o novo.

A arteterapia na Gestalt, a função da arte no processo terapêutico seria o alcance de *insights* e da consciência, maneira como o indivíduo percebe-se e percebe o mundo à sua volta. Com a criação das formas da produção artística, Rhyne descreve que é uma maneira de perceber como a pessoa é, bem como perceber as possibilidades para se tornar a pessoa que ela gostaria de ser (RHYNE, 2000 apud REIS, 2014b, grifo do autor).

A arte promove a descoberta de sentimentos e qualidades que auxiliam no desenvolvimento da pessoa, sendo considerada uma ponte consciente que liga a fantasia e a realidade interna e externa. A psicologia da Gestalt valoriza o processo da vivência de um momento, pois sua abordagem se configura no aqui-e-agora, colocando a pessoa como o protagonista e o observador do que acontece (REIS, 2014b).

3.2.4 Abordagem Centrada na Pessoa

Fundada por Carl Rogers, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) visa abordar uma nova maneira de compreender o ser humano, deixando implícito a visão positiva na conceituação deste (GOBBI et al., 1988 apud LOPES, R. 2020). Esta visão difere-se das demais linhas psicológicas, pois defende que todo ser humano possui uma tendência ao crescimento e ao desenvolvimento, conceito denominado de “tendência atualizante”, descrita por Lopes, R., (2020, p. 12) como “o núcleo básico da personalidade humana”.

As técnicas da ACP ultrapassam o âmbito das psicoterapias, podendo ser utilizadas em quaisquer lugares com interações humanas para ajudar os outros, pois, o foco não está nas técnicas e instrumentos, mas sim nas pessoas. De acordo com Rogers (1959 apud LOPES, R., 2020) a forma mais eficiente de poder ajudar alguém, é confiando em seu potencial de desenvolvimento, na sua condição natural, da busca,

do sentimento, pensamento, de trilhar o caminho para satisfação das suas necessidades.

Para o criador da abordagem, todos possuem dentro de si a capacidade natural de evoluir, de desenvolver todas as suas potencialidades que vão favorecer o seu enriquecimento. Pode acontecer algumas adversidades neste caminho, a evolução por fatores externos que podem nos afastar de quem somos e do que queremos, mas a tendência atualizante nos impulsiona a querer seguir em frente (ROGERS, 1959 apud LOPES, R., 2020).

Conforme a autora,

A abordagem centrada na pessoa crendo no potencial humano através da tendência a se atualizar, entende que a melhor forma de ajudar o outro é a criação de condições ideais para que este movimento venha a acontecer, levando em consideração novas possibilidades e perspectivas (LOPES, R., 2020, p. 14)

A ACP postula que a empatia entre o terapeuta e o cliente é um aspecto fundamental da terapia, pois, nisto, o facilitador poderá compreender o outro, percebendo o mundo com seus olhos. Quando este deixa de lado seus valores e princípios, passa a compreender melhor os medos, sentimentos e motivos do seu cliente (LOPES, R., 2020).

Outro aspecto importante para a ACP chama-se congruência, que confere-se como a autenticidade do terapeuta para com o seu cliente. Segundo a autora, “É imprescindível que tudo que o facilitador sinta de forma persistente na relação seja dito, mas, com muito cuidado, empatia, respeito e, sobretudo, com autenticidade” (LOPES, R., 2020, p. 15).

Além da empatia e da verdade, é preciso aceitar incondicionalmente a pessoa que procura ajuda e “sempre de maneira positiva, entendendo que o outro à sua maneira está sempre procurando uma forma de se sentir bem e se encontrar”. É necessário ressaltar que “aceitar” não significa “concordar” com tudo o que ela diz e faz, mas sim acolher a pessoa. Promover um ambiente acolhedor para a pessoa que procura ajuda, um lugar em que ela possa se sentir livre de ameaças e julgamentos, onde ela possa poder conectar-se consigo mesma para buscar aquilo que precisa para obter o seu desenvolvimento pessoal (LOPES, R., 2020, p. 16).

Na ACP, o terapeuta precisa ter uma postura mais ativa, como o próprio nome da abordagem sugere, centrada na pessoa, ou cliente. Sua atenção deve estar na

direção dos sentimentos deste, que, por vezes, foi provocado por ele mesmo. Conforme Lopes, R. (2020, p. 16) “Nesta perspectiva, o terapeuta é conduzido a vivenciar a relação terapêutica de forma mais completa, onde destruirá uma barreira que dividia o terapeuta no momento da terapia, da pessoa que ele era fora da sua sala de atendimento”.

No âmbito das terapias expressivas, a ACP age da mesma forma. A relação terapeuta-cliente segue as normas da empatia, respeito, aceitação e acolhimento, e neste sentido, o facilitador promove o espaço caloroso necessário para a compreensão do ser, livre de julgamentos e preconceitos, lugar onde a pessoa se sinta segura para expressar-se. Segundo Lopes, R. (2020, p. 31),

Um indivíduo se torna terapeuta expressivo centrado na pessoa quando se encontrar guiando as pessoas através do movimento consciente, de experiências artísticas pela improvisação de teatro, música e dramatização; isto é, em um ambiente que compreenda e respeite as diferenças e visão do mundo, como também os problemas pessoais de cada um.

A arte na ACP é considerada uma poderosa ferramenta da linguagem, que permite a vivência de um mundo novo criado pelo cliente na sua forma de se expressar e a terapia se beneficia dessa ferramenta para conseguir guiar o cliente em sua trajetória. Lopes, R. (2020) declara que apesar de a arteterapia ser estudada em vários campos da psicologia, no contexto brasileiro percebe-se a escassez dos conteúdos referentes a ACP.

3.2.5 Abordagem Cognitiva-Comportamental

O descontentamento com o modelo vigente da compreensão humana pautado apenas nos comportamentos, desqualificando a influência da cognição, foi o impulso necessário para a transformação e delineamento de uma teoria (RANGÉ; FALCONE; SARDINHA, 2007 apud NUNES et al., 2021). Autores como Bandura e Vygotsky foram de suma importância para este processo, pois suas críticas ao modelo comportamental levantaram questionamentos e posteriormente pesquisas no campo cognitivo-comportamental (FALCONE, 2005; KNAPP; BECK, 2008; apud NUNES et al., 2021).

Nunes et al. (2021) aponta que a teoria elaborada pelo médico psiquiatra Aaron Beck, em meados da década de 60, foi, inicialmente, inspirada pela teoria psicanalítica. Após algumas intervenções e escutas, Beck percebeu em seus pacientes deprimidos, pensamentos automáticos sobre determinados assuntos, e percebeu que esses pensamentos influenciavam diretamente as suas emoções.

Com tal observação, o médico criou dispositivos de enfrentamento desses pensamentos irrealistas, ditos como “desadaptativos” e ensinou seus pacientes a identificar, avaliar e combater esses pensamentos, levando a uma melhora em seu quadro depressivo. Comprovando sua eficácia, muitos estudos foram feitos usando os preceitos da Teoria Cognitivo-Comportamental (TCC), evidenciando sua validade no tratamento tanto de transtornos psiquiátricos como médicos (BECK, J. 2013 apud NUNES et al., 2021).

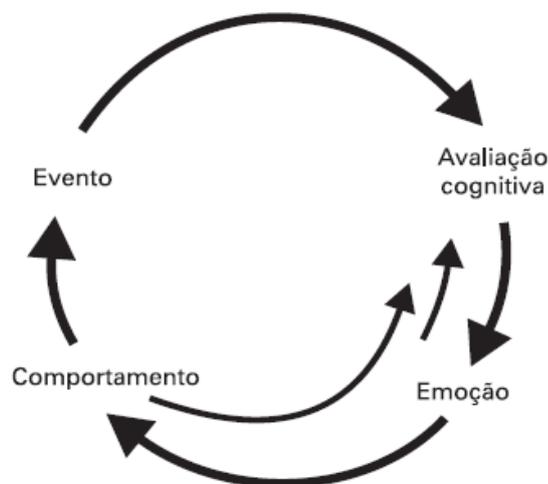
A Teoria Cognitivo-Comportamental se configura como

uma abordagem estruturada, voltada para o presente, para solução de problemas atuais, modificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais. O tratamento é baseado no modelo cognitivo, que entende que as emoções, os comportamentos e a fisiologia de uma pessoa são influenciados pelo modo como ela percebe uma situação (BECK, 2013 apud NUNES et al., 2021, não paginado).

O *modelo cognitivo* citado é representado pela tríade: pensamento, sentimento e comportamento, instâncias que estão interligadas. O sistema funciona baseando-se na forma com que a pessoa interpreta determinado evento, o qual gera pensamentos automáticos, conseqüentemente levando a um sentimento e deste, um comportamento (NUNES et al., 2021, grifo nosso) (Figura 2).

No modelo apresentado o processamento recebe o papel central, o qual se compromete a avaliar “a relevância dos acontecimentos internamente e no ambiente que o circunda”, que seriam, por exemplo, eventos estressores, comentário de outras pessoas, memórias de acontecimentos passados, algumas sensações corporais, etc. Determinadas cognições são comumente associadas a reações fisiológicas emotivas (WRIGHT et al., 2019).

Figura 2 – Modelo Cognitivo-Comportamental básico



Modelo cognitivo-comportamental básico.

Fonte: WRIGHT, Jesse H. et al. **Aprendendo a Terapia Cognitivo-Comportamental: um guia ilustrado** [recurso eletrônico]. 2ed. Porto Alegre: Artmed. 2019.

Um dos primeiros materiais que trata da psicoterapia cognitivo-comportamental na arteterapia foi realizado por Carvalho, M. (2001, p. 18, grifo do autor), que ressalta que

uma vez instalado o comportamento de representar com recursos artísticos, emoções, sensações, pensamentos e comportamentos disfuncionais são passíveis de serem modificados, frente suas representações e possibilitam discriminações, além da sua clareza d transcurso habitual entre **ambiente (estímulo) - pensamento - sentimento** para o indivíduo, promovendo assim, autocontrole

O autor propõe que as vantagens dos componentes da abordagem cognitiva-comportamental é a experiência com os comportamentos e suas consequências. Quando o paciente observa as consequências dos seus atos, ele tende a apresentar uma variabilidade de novos comportamentos, instruídos pela curiosidade, criatividade, espontaneidade, a pessoa pode adquirir mais consciência sobre o que faz (CARVALHO, M., 2001).

A arteterapia, no entendimento da TCC, avalia os aspectos **comportamentais** da pessoa (fuga e esquiva) frente às solicitações da prática, como temas, controle de erros, regras para confecção do trabalho, entre outros; avalia também aspectos, **psicomotores**, como a coordenação fina ou grossa; o modo como segura o material de desenho, a velocidade da execução do trabalho; aspectos da **compreensão**, como os errôneos, confusas ou contrárias a solicitação pelo terapeuta na execução do

trabalho, sua correspondência com seu estado atual; **cognições automáticas**, como “não consigo fazer isso”, “não sirvo para fazer arte”, “isso ainda não está bom, preciso fazer mais” (CARVALHO, M. 2001, p. 18, grifo nosso).

A proposta do autor, com a aplicação da arteterapia ao longo prazo, seria de que o indivíduo se entendesse maior que suas respostas, em suas palavras, a pessoa vive e reage ao ambiente através de si, mas tal fato não reflete toda a sua multiplicidade e que dentro de si, tem-se a chave para a criação e a manutenção da qualidade de vida.

Nas pesquisas, foram encontrados poucos materiais que tratam da integração da TCC com a arteterapia. Na pesquisa sistemática realizada por Nunes et al. (2021), os autores relataram a escassez de pesquisas da abordagem no campo da arteterapia no Brasil, mas destacaram algumas pesquisas importantes na área. Uma delas foi de Pereira, Nascimento e Albuquerque (2017), os quais identificaram que a arte como um recurso “funciona como uma ferramenta interessante no processo de modificação cognitiva (pensamentos e sistema de crenças), gerando uma mudança emocional e comportamental”.

No estudo, os autores concluíram que o psicólogo da TCC consegue, por meio dos mediadores artísticos, compreender melhor o paciente, este utilizando suas próprias formas de expressão para identificar pensamentos e crenças desadaptativas, podendo ajudá-lo na construção de estratégias de enfrentamento, criando respostas a esses pensamentos e crenças disfuncionais (PEREIRA; NASCIMENTO; ALBUQUERQUE, 2017 apud NUNES et al., 2021).

Nunes et al. (2021) se propuseram a avaliar os materiais que relacionam a arteterapia e a TCC, porém, em sua busca, conseguiram encontrar materiais de origem estrangeira, mas que corroboram com o propósito da pesquisa, a verificação da eficácia da TCC na aplicação da arteterapia. Os artigos e materiais revisados pelos autores são escritos majoritariamente no idioma inglês, aplicados na realidade dos países da Nigéria e Israel. Um estudo foi publicado em 2017, o outro em 2019, utilizando respectivamente o desenho e a música para as intervenções em arteterapia (NUNES et al., 2021).

O artigo de 2017 propõe explorar o uso da musicoterapia para o tratamento do transtorno de ansiedade social com adolescentes utilizando a abordagem teórica da TCC. Os autores do estudo constataram que a aplicação das técnicas foram benéficas

para o grupo, pois houve uma significativa diminuição dos sintomas ansiosos nos participantes, e descrevem que

a música associada a TCC tem um efeito significativo na regulação das emoções servindo como motivador e reforçador para os indivíduos; os autores pontuaram em seu estudo que a musicoterapia com a TCC altera a percepção automática do indivíduo, na medida em que constrói sua autoestima a fobia social diminui (EGENTI et al. 2017 apud NUNES et al, 2021).

É ressaltado pelos autores que a arte em seu processo dinâmico e lúdico corrobora com a aplicação de técnicas que poderiam não ser tão bem recebidas pelo grupo dos adolescentes (EGENTI et al., 2017 apud NUNES et al., 2021). O segundo artigo, publicado em 2019, objetivou-se compreender a eficácia da aplicação da arteterapia em mulheres com transtornos perinatais de humor e ansiedade. A técnica escolhida foi o desenho, partindo do objetivo do projeto desenvolvido “Imagem, sintoma e memória” (SARID et al., 2019 apud NUNES et al., 2021).

Os pesquisadores pediam que as mulheres desenhasse em um papel A4 a sua imagem, visando compreender as experiências de cada uma, pediram que desenhasse também um lugar seguro, para conseguirem lidar com seus sentimentos negativos e depressivos, propondo exercícios de relaxamento após as sessões. As técnicas foram consideradas eficazes para o aumento do humor e a diminuição dos sintomas da ansiedade (SARID et al., 2019 apud NUNES et al., 2021).

Fora percebido que a atividade dos desenhos beneficiaram as mulheres cujo apresentam baixa fluência na língua e que por meio da atividade elas puderam se expressar e assim conseguir participar do projeto, os benefícios do desenho vão além, pois consegue se adaptar a qualquer pessoa de faixas etárias diversas (SARID et al., 2019 apud NUNES et al., 2021).

Com os presentes estudos, fica evidente a validade da integração das técnicas da arteterapia da abordagem da TCC, no âmbito da avaliação e modificação do comportamento, pois, a arteterapia torna o processo mais lúdico, conseqüentemente mais abrangente, portanto, mais acolhedor para as pessoas, podendo facilitar o manejo e as intervenções comportamentais e cognitivas.

4 CONTRIBUIÇÕES DA ARTETERAPIA NO MEIO PSICOTERAPÊUTICO

É possível identificar por meio de relatos a contribuição que a arteterapia promove na saúde mental das pessoas, assim como a diversidade de sua aplicação. Para apresentar algumas contribuições, foram coletados alguns relatos, por meio dos portais Google acadêmico; Google Search; SciElo; BVSPsi e LILACS, sendo em sua maioria artigos abordando o tema em diferentes contextos, aplicados em diferentes configurações, tais como: Arteterapia no cuidado emocional de crianças; arteterapia no cuidado da saúde mental de pessoas idosas; arteterapia no cuidado da saúde mental de mulheres; arteterapia aplicada no contexto hospitalar; arteterapia aplicada em casais e/ou famílias; arteterapia com grupos e arteterapia no cuidado da pessoa enlutada.

4.1 ARTETERAPIA COM CRIANÇAS

Na pesquisa realizada por Ribas e Tommasi (2016) intitulada “Arteterapia com crianças abrigadas” relata a trajetória de ambos em um abrigo para crianças na cidade de Curitiba. O abrigo em questão acolhe e atende as crianças cujo direitos foram violados, incluindo questões de abuso sexual/psicológico, violências físicas, abandonos, órfãos, situações de riscos e afins. A abordagem utilizada na pesquisa foi a Psicologia Analítica de Jung, o qual objetivou-se estimular as capacidades representativas das crianças, suas habilidades criativas, simplificas e expressivas.

Participaram da pesquisa uma menina, abrigada pelo fator de risco do abuso sexual, o qual a genitora não impedia de acontecer. A criança tinha 10 anos na época da pesquisa e estava lá fazia 3 anos. Outro participante era um menino órfão portador de HIV, na época da pesquisa tinha 11 anos e estava abrigado desde os quatro anos. O menino tinha uma condição especial decorrente da perda de parte do seu cérebro, resultado de um acidente de carro quando estava com seu pai.

A tarefa aplicada foi a técnica do desenho livre, mas sem deixar o lápis sair do papel, em outro momento, foi deixado as crianças desenharem o que disserem. Após as análises, os estagiários concluíram que apesar do sofrimento psicológico que ambos estavam, a menina tinha a esperança de que um dia teria uma família, ela queria ser amada, ter paz e ser feliz. Ela apresentava-se mais calma com as atividades e estava mais sociável.

O menino, apesar das poucas chances de ser adotado por sua condição especial, também apresentava-se confiante de que seria adotado um dia, ele, nas palavras dos autores “suas produções refletem o seu desejo, vitalidade e energia psíquica de ser adotado e ter uma família com pai e mãe”.

As intervenções arteterapêuticas no abrigo cumpriu os seus objetivos, promovendo às crianças participantes a oportunidade de expressarem seus medos, angústias, sonhos e vontades. Os autores declaram que “Nestes dois casos, a atuação de um arteterapeuta é essencial para acolher os sofrimentos com amor e abrir espaço para as expressões criativas, sem esquecer de ver a situação objetivamente, onde a adoção ou retorno ao lar de origem é muito difícil”.

Na pesquisa, a arte se mostrou facilitadora da exposição de conteúdos sensíveis, bem como um recurso para a compreensão e do acolhimento daqueles que precisavam. A arte serviu como uma encorajadora e expressão dos desejos das crianças, dando o aporte necessário para que elas expressassem e compreendessem o que sentiam.

4.2 ARTETERAPIA COM IDOSOS

O grupo de idosos usado na pesquisa confere tanto homens quanto mulheres com idades entre 60 e 65, residentes de uma instituição particular. Na pesquisa, os idosos fizeram pinturas com tinta guache, ouvindo as músicas celtas, respondendo à pergunta “como eu estou hoje?” (FIORINDO, 2017, p. 125).

A autora concluiu sua experiência afirmando que a prática ofereceu aos idosos um espaço para a expressão do seu universo interior, reconectando-se com os conteúdos que lhe fazem bem, recordando coisas boas da vida. Nas suas palavras,

A partir das pinturas, seguida dos relatos, é nítido o empoderamento dos idosos, enquanto autores de suas obras, que possibilitam a interação deles com as formas, as cores, e como eles mesmos, ao trazerem [...] o colorir da vida na expressão de suas emoções (FIORINDO, 2017, p. 126).

Desta forma, percebem-se os benefícios da arteterapia para com o bem-estar e saúde dos idosos, pois, permite que eles se expressem, retomando as vivências da sua vida, reconectando-se a eles mesmos e promovendo um espaço de lazer e acolhimento daqueles que compartilham o seu “eu” por meio dos desenhos.

A autora descreve que a formação do grupo de idosas foi importante, pois permitiu o compartilhamento de experiências e que na aplicação das intervenções, ela pôde perceber as particularidades de cada senhora. Lopes, T. (2011, p. 42) viu no grupo a baixa autoestima e insegurança no início das sessões, mas com o tempo percebeu mudanças significativas nesses aspectos declarando que “os participantes começaram a sentir mais segurança na execução dos seus trabalhos, assim como maior confiança nos resultados obtidos, expondo-os com orgulho aos colegas do grupo e ao terapeuta” (p. 43).

Com os resultados da avaliação do pré-teste e pós-teste, foi identificado significativas melhorias na maioria dos aspectos cognitivos das senhoras, evidenciando que a prática da arteterapia pode promover a ampliação das capacidades cognitivas das pessoas de idade avançada.

Lopes, T. (2011) conclui que, considerando os estudos de Waller (2007), que a arteterapia é uma prática importante com as pessoas idosas, pois ela permite a expressão livre e criativa das angústias, promovendo a comunicação, assim como desenvolvendo novos potenciais e a qualidade de vida, como o bem-estar da pessoa, tal afirmação se confirma com a declaração da autora ao final do trabalho, na qual revela que “os participantes começaram a sentir mais segurança na execução dos seus trabalhos, assim como maior confiança nos resultados obtidos, expondo-os com orgulho aos colegas do grupo e ao terapeuta” (LOPES, T., 2011, p. 43).

4.3 ARTETERAPIA NO CUIDADO DA SAÚDE DA MULHER

A pesquisa realizada por Moraes et al. (2020) tem por objetivo relatar a experiência vivida durante o estágio da pós-graduação em arteterapia realizada juntamente ao atendimento de mulheres com diagnóstico de fibromialgia do departamento de fisioterapia da Universidade Feevale, vinculada a uma Unidade de Saúde da Família (USF) na cidade de Novo Hamburgo (RS).

As autoras foram construindo as intervenções durante a pesquisa, montando as práticas com as potencialidades e fragilidades percebidas durante as práticas anteriores. Em cada encontro foi realizada uma prática diferente, utilizando dos materiais adquiridos, listadas pelas autoras:

meditação conduzida, exercícios de respiração e consciência corporal, recorte e colagem, transformação de sucata, modelagem com argila, atividades com tinta, com música, desenho, escrita, leitura de poemas, músicas, vídeos, trechos de livros e cartas de oráculos, dança livre, costura, bordado, utilização de elementos da natureza, dentre outros (p. 72).

As atividades realizadas promoviam a representação de vários aspectos da vida das mulheres, permitindo que elas elaborassem, por meio das produções, os seus sentimentos positivos e negativos, ressignificando algumas de suas dores, proporcionando o autoconhecimento, bem como o empoderamento feminino.

Os relatos consistiam em muitas violências vividas, sejam físicas ou psicológicas, muitas de ordem sexistas realizadas por pais, namorados e maridos. Os trabalhos artísticos permitiram a reflexão dos acontecimentos e por meio dos compartilhamentos das histórias, conseguiu ser realizado um momento de escuta daquilo que não havia recebido devida atenção no passado.

As mulheres do grupo se mostraram empenhadas na participação dos encontros, tinham uma postura muito participativa e dedicada nas atividades propostas, percebendo os benefícios que estas traziam para o dia a dia delas, segundo as autoras, o projeto possibilitou uma troca de experiências gratificante, oportunizando a compreensão das suas vivências, seus medos, sonhos, dores, dificuldades, fragilidades e potencialidades, afirmando que “O grupo torna-se um dispositivo que contribui para a identificação empática entre as mulheres, pois muitos sentimentos se parecem, evocando a uma “diluição” do que faz mal e fortalecimento do que faz bem” (MORAES et al., 2020, p. 75).

Moraes et al. (2020, p. 79) concluem que a arteterapia se promove na reinvenção do cuidado e da saúde, uma vez que seus benefícios abrangem desde os aspectos físicos, mentais e espirituais do ser humano. A arte propicia um encontro com a sua essência, levando a pessoa a reencontrar-se e transformar-se.

Em outro estudo realizado por Bagatini e Madeira (2018) durante o estágio do curso de especialização em Arteterapia, no projeto denominado “Projeto Laços de Vida”, um projeto de extensão da Universidade Feevale, aplicado em mulheres em situação de vulnerabilidade psíquica e socioeconômica na cidade de Novo Hamburgo e Ivoti (RS).

Nos encontros, a primeira atividade realizada foram os exercícios de relaxamento e meditação guiadas, logo após, começaram uma roda de conversa para reflexão de como as mulheres estavam se sentindo. Nas atividades de criação, as

estagiárias priorizaram o processo e não o resultado, afirmando as mulheres que a estética da produção pouco importava, pois o objetivo das práticas eram a possibilidade da expressão dos seus sentimentos, nas palavras de Bagatini e Madeira (2018) “na Arteterapia não existe julgamento de valor”.

Os temas dos encontros foram colhidos das experiências compartilhadas com suas histórias de vida, que abrangiam o: “significado do nome, resgate das memórias artísticas e das histórias de vida, violência e gênero, além de temas que perpassaram todas as oficinas, como saúde, autoestima e qualidade de vida”, e com isto, as estagiárias perceberam resultados muito positivos em relação ao grupo, citados pelas autoras

identificação das mulheres umas com as outras; apoio mútuo, socialização e empatia através das falas e gestos; novas formas de enfrentamento e superação de vulnerabilidades; apropriação de um espaço de escuta e expressão de sentimentos, emoções e conflitos através de atividades plásticas; resgate de histórias de vida; ressignificação de situações de violência pessoal e familiar; fortalecimento da autoestima e empoderamento feminino (BAGATINI; MADEIRA, 2018, não paginado)

As estagiárias relatam perceber o crescimento das mulheres, identificando que por mais que o grupo fosse pequeno, os resultados são significativos no âmbito da saúde mental das mulheres, o qual oportunizou o empoderamento destas.

4.4 ARTETERAPIA NO CUIDADO DE PESSOAS HOSPITALIZADAS

O estudo realizado por Carvalho, Costa Neto e Ferreira (2020, p. 96 e seg.) objetivou compreender os benefícios que a arteterapia pode trazer ao tratamento de pessoas internadas ou em tratamento em um hospital público universitário de Goiás, portadoras de doenças onco-hematológicas, que conforme os autores, “abarcam mais comumente as leucemias, os linfomas, o mieloma múltiplo e, mais raramente, a mielofibrose”.

O material escolhido foram obras da pintora Frida Kahlo e as intervenções pautaram-se na observação e discussão dos sentimentos dos pacientes advindos das interpretações que tiveram ao observar os quadros. As obras serviram como uma ponte para observação e expressão dos sentimentos dos pacientes. Foi possível catalogar que muitos deles percebiam o sofrimento nos autorretratos da pintora, e muitos deles diziam que se identificavam com ela.

Os autores descrevem ainda que “Com isso, ao manifestar suas impressões sobre a obra, o sujeito manifesta também, inconscientemente, sobre si mesmo, a arte, por ser projetiva, revela aquilo que o sujeito muitas vezes não consegue dizer” e percebendo o possível sofrimento da artista, eles identificam o que estão sentindo, manifestando seus medos e suas angústias, demonstrando simbolicamente uma parte do seu mundo interior.

O estudo permitiu a experiência de poder compreender a visão dos participantes em relação ao processo de adoecimento e do possível processo de finitude do tratamento, relacionado ou não a morte. As pinturas se mostraram um recurso interessante para as intervenções, oportunizando uma conversa diferenciada, mas que resultou em muitos conteúdos expressados, desde os medos, anseios e desejos.

4.5 ARTETERAPIA COM CASAIS E FAMÍLIAS

A proposta da utilização dos mediadores artísticos no atendimento de casais ou famílias, se baseia no preceito de que os participantes tenham faixas etárias diversas e o recurso artístico “favorece uma diminuição da distância cognitiva existente entre crianças e adultos”, (MANICOM; BORONSKA, 2003 apud SEI; ZANETTI, 2017, p. 38).

A autora resume os benefícios dos mediadores artísticos em psicoterapia, evidenciando que a prática pode auxiliar no manejo das ansiedades presentes no momento da terapia experienciados pelos pacientes em atendimento, podendo ser uma proposta para o *setting* terapêutico, servindo para a coleta de dados das informações importantes que dão suporte para outras intervenções a serem aplicadas no grupo.

4.6 ARTETERAPIA COM GRUPOS

Amigos da Arte, como é chamado um grupo de arteterapia no Projeto Arte e Saúde do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Fortaleza realiza, recebe arteterapeutas, arte-educadores e outros, com supervisão sistemática do Instituto Aquilae, especializado na formação de novos Arteterapeutas na cidade. Nas palavras dos autores,

Embora não tenha havido critérios rígidos para o ingresso nesse grupo terapêutico, procurou-se priorizar as pessoas que expressassem interesse pela arte. Outro fator prioritário diz respeito aos diagnósticos de transtornos mentais graves, como esquizofrenia, transtorno afetivo bipolar e alguns casos de depressão. A participação se dava na medida em que essas pessoas apresentassem condições mínimas de frequentar as sessões (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010, p. 860).

No final de cada atividade de produção, o trabalho de reflexão sobre sua obra é incentivado para compreender seus significados e perceber seu desenvolvimento e desempenho desde os primeiros momentos juntos. Os autores concluem que a arteterapia ajuda as pessoas do grupo a lidarem melhor com suas dificuldades e consideram a prática

como um eficaz meio para canalizar, de maneira positiva, as variáveis do adoecimento mental em si, assim como os conflitos pessoais e com familiares. Nota-se que há uma minimização dos fatores negativos de ordem afetiva e emocional que naturalmente surgem com a doença, tais como: angústia, estresse, medo, agressividade, isolamento social, apatia, entre outros (COQUEIRO; VIEIRA; FREITAS, 2010, p. 862).

Partilhando do mesmo objetivo, a pesquisa realizada por Valladares et al. (2008, não paginado) estudou as intervenções arteterapêuticas em grupos de pacientes em tratamento da dependência química em um hospital psiquiátrico de Goiânia. Conforme os autores, a prática era majoritariamente não-verbal, pois, “por meio das artes plásticas, que acolhe o ser humano com toda sua diversidade, complexidade, dinamicidade e o auxilia a encontrar novos “sentidos” para sua vida, objetivando a reinserção e inclusão social”.

Inicialmente, as intervenções foram realizadas em um ambiente fechado, mas mudando para um ambiente mais natural após algumas sessões. Os autores trabalharam com as simbologias da teoria de Jung, aplicando algumas de suas técnicas, como a confecção de mandalas.

Os mandalas possibilitaram a estimulação das funções psíquicas menos desenvolvidas, promovendo a iluminação de aspectos sombrios da psique da pessoa. “A utilização dos quatro elementos na Arteterapia exerce a finalidade de revitalizar áreas desusadas, núcleos bloqueados, recupera a possibilidade de fluxo da energia psíquica” (PHILIPPINI, 2005 apud VALLADARES et al., 2008, não paginado).

Outras técnicas como a criação de máscaras, a criação de mãos e pés na atadura gessada, a leitura de histórias em quadrinhos e a construção de uma cidade com sucata foram aplicadas nas intervenções grupais, obtendo resultados criativos e promotores de uma visão diferenciada (VALLADARES et al., 2008).

Nas palavras dos autores,

O processo arteterapêutico, por promover o contato com o universo simbólico e a integração dos conteúdos psíquicos inconscientes, ajudou no desenvolvimento evolutivo dos dependentes químicos, o que significa dizer que possivelmente ajudaram-no no seu processo de individuação e na sua “busca de identidade”, característica desta fase de desenvolvimento (VALLADARES et al., 2008, não paginado).

Evidenciando assim os benefícios da prática da arteterapia no tratamento e no processo de reinserção dos pacientes adictos na sociedade. Os autores descrevem a experiência como satisfatória, uma vez que promoveu ao grupo oportunidades de desenvolvimento e autoconhecimento, desta forma, observando os resultados, a arteterapia pode ser considerada um importante recurso em saúde mental para aqueles com maiores dificuldades.

4.7 ARTETERAPIA COM A PESSOA ENLUTADA

O estudo de caso apresentado por Domingueti e Savioti (2020 apud JUNQUEIRA, 2021) foi a análise de uma mulher que havia perdido seu bebê recentemente e por meio da expressão artística, a mulher conseguiu expressar a sua dor diante do trágico acontecimento. Domingueti e Saviotti (2020 apud JUNQUEIRA, 2021) relataram perceber oscilações entre o seu estado de perda e o de restauração, mas que por meio da arte, ela conseguiu obter a ressignificação do seu sofrimento.

Junqueira (2021) declara que a arteterapia tem o potencial para auxiliar os enlutados no processo de superação da dor, porém, é um caminho que ainda está sendo desbravado no contexto brasileiro, já com relação à literatura de países estrangeiros, a autora conseguiu reunir vários artigos que corroboraram com a sua proposta inicial do trabalho.

Dado os relatos apresentados, pode-se perceber que a arteterapia cumpre os seus objetivos enquanto mediadora no processo psicoterapêutico. Como uma prática

flexível, a arteterapia pode ser aplicada em várias abordagens, dentro de diversos locais, em diferentes públicos, no cuidado de problemas e demandas distintas.

Como abordado, a pessoa não precisa ter conhecimento técnico da arte, dado que a prática da arteterapia desconsidera a estética, enfatizando apenas o que se concentra no processo de criação da obra. A expressão dos sentimentos é o foco principal da arteterapia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da arteterapia iniciou-se primordialmente intrincada nos saberes da psiquiatria, mas com seu desenvolvimento, adentrou na esfera dos conhecimentos da psicologia, tendo sua sistematização como campo de conhecimento acontecido nos anos de 1940, pela psicanalista Margaret Naumburg, nos Estados Unidos da América.

A arteterapia possui respaldo científico para aplicação e compreensão, podendo ser utilizada no âmbito psicoterapêutico, pois, a utilização das expressões artísticas para a análise de conteúdos subjetivos, permite aos profissionais psicólogos um recurso prático para o processo terapêutico no tratamento, intervenção ou avaliação do paciente, uma vez que consegue acolher em seus métodos a todas as pessoas.

Desta forma, as diversas atividades artísticas que podem ser inseridas na arteterapia, transformam-se em um canal de abertura e alteração das clássicas formas de tratamento na área da psicologia, visto que além de reconhecer, estimular e reconhecer os fatores criativos, promovem a reabilitação do indivíduo.

A arte é uma forma dinâmica de expressão dos sentimentos e abrange diversos instrumentos e mediadores expressivos como pinturas, danças, músicas, produções literárias, entre outros, e quando a psicologia se alia para estudar a subjetividade do indivíduo expressa por meio de uma produção pessoal, a arte se transforma em um instrumento poderoso para a compreensão do ser humano.

É possível definir a arteterapia como uma ferramenta a explorada e implementada na prática diária do profissional psicólogo para auxiliar e beneficiar a todos que procuram atendimento psicológico, fortalecendo a socialização, a qualidade de vida, especialmente a saúde mental. Nisto, destaca-se o papel importante que a arteterapia possui no Brasil, dado que esta foi incluída na Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares (PNPICS) do Sistema Único de Saúde (SUS) em 2017.

REFERÊNCIAS

- ALLESSANDRINI, Cristina Dias. Arteterapia no Brasil e no mundo. *In*: ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Arteterapia - Relembrar é preciso... criar é continente**: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2009.
- ANSCHAU, Ana Claudia. **Gravura como linguagem e processo arteterapêutico**: a materialização da identidade da mulher do oeste catarinense. Monografia (Especialização em Arteterapia, Educação e Saúde) - Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, 2015.
- AMART – Associação Mineira de Arteterapia. **O que é arteterapia?**. Disponível em: <<https://www.amart.com.br/historico>>. Acesso em: 12, ago. 2022a.
- AMART – Associação Mineira de Arteterapia. **O que é arteterapia?**. Disponível em: <<https://www.amart.com.br/o-que-e-arteterapia-1>>. Acesso em: 19, nov. 2022b.
- ANDRIOLO, Arley. O método comparativo na origem da psicologia da arte. **Psicologia USP**, v. 17, p. 43-57, 2006.
- ARS. *In*: **Dicionário de Latim Online**: significados de palavras e expressões em latim. [S.l]: 7Graus. Disponível em: <<https://www.dicionariodelatim.com.br/ars/>>. Acesso em: 10, ago. 2022.
- ARTE. *In*: **Dicio, Dicionário de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em: 10, ago. 2022.
- Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul (AATERGS). **Associações do Brasil**. Disponível em: <<http://aatergs.com.br/associacoes-no-brasil/>>. Acesso em: 17, set. 2022
- BAGATINI, Tatiane; MADEIRA, Rosane Lisboa. Oficinas de arteterapia com mulheres em situação de vulnerabilidade e a expressão do sentir. **Anais do Encontro Mãos de Vida**, v. 4, n. 1, 2018.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. A saia de Marilyn: do arquétipo ao estereótipo nas imagens midiáticas. *In*: **E-compós**. 2009.
- BRASIL. Classificação Brasileira De Ocupações: CBO. **Arteterapeuta**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoOcupacaoMovimentacao.jsf>>. Acesso em: 06, set. 2022.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Práticas Integrativas e Complementares (PICS)**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/praticas-integrativas-e-complementares-pics-1>>. Acesso em: 06, set. 2022.

BRASIL. **PORTARIA Nº 849, DE 27 DE MARÇO DE 2017**. Disponível em: < https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html >. Acesso em: 06, set. 2022.

BUENO, Alexandre Pinto; BRIDI FILHO, Cesar. A arteterapia no atendimento psicológico: revisão sistemática. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 20, n. 2, p. 421-438, 2019.

CARVALHO, Gabriela Borges; COSTA NETO, Sebastião Benício da; FERREIRA, Cintia Bragheto. Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas. **Rev. SBPH**, v. 23 n. 1, Jan./Jun. – 2020

CARVALHO, Marcelo Rocha. Terapia Cognitiva e Comportamental através da Arteterapia. *In: III Congresso da Sociedade Brasileira de Terapias Cognitivas*. São Paulo. 2001.

CARVALHO, Ruy de. Um amor do coração: Arteterapia em Portugal - uma perspectiva plurifacetada. **Revista Portuguesa de Arteterapia - Arte Viva**. n. 3. 2013.

CIORNAI, Selma (org). **Percursos em arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia e supervisão em arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, p. 859-862, 2010.

DUARTE, Vanessa Tiemi; CARPIM, Lucymara. **A arteterapia inclusa na grade curricular das graduações de artes plástica**. *In: X congresso nacional de educação - educere*. 2011, Curitiba. Seminário. 2011.

FERREIRA, Debora Pazetto. **Investigações acerca do conceito de arte**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2014.

FERRETTI, Vera Maria Rossetti. Arte e corpo como cura. *In: CIORNAI, Selma (org). Percursos em Arteterapia: Arteterapia e educação, arteterapia e saúde*. v. 64. São Paulo: Summus. 2004.

FIORINDO, Priscila Peixoto. Acordar as emoções: a arteterapia com idosos. **Revista Transdisciplinar: Uma oportunidade para o livre pensar**. V. 9. N. 9. 2017.

FIORINDO, Priscila Peixoto. Arteterapia e psicologia analítica. **Revista Pandora Brasil**. N. 61. 2014.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1983.

FRANÇA, Danielle Cristina Honório et al. Análise bioestatística da adesão da arteterapia como meio para alcançar a cura e tratamento de doenças no estado de

goiás. **Revista Interação Interdisciplinar**, v. 3, n. 1, 2019.

FREUD, Sigmund. O Moisés de Michelangelo. *In*: FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu, contribuição do movimento psicanalítico e outros textos**. V. 11. São Paulo: Companhia das letras. 2012.

GAILLARD, Christian. Jung e a arte. **Pro-Posições, Campinas**. V. 21. N. 2. 2010

GAMA, Carlos Alberto Pegolo da; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko; FERRER, Ana Luiza. Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, p. 69-84, 2014.

IGLESIAS, Alexandra; AVELLAR, Luziane Zacché. As contribuições dos psicólogos para o matriciamento em saúde mental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 364-379, 2016.

JUNQUEIRA, Fabíola Macilha. **Arteterapia e luto: uma revisão integrativa**. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, 2021.

LOIOLA, Rute de Sousa; ANDRIOLA, Cícera Jaqueline Sobreira. A Arteterapia como instrumento do psicólogo na clínica. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 11, n. 35, p. 18-31, 2017.

LOPES, Rebeca Arnaud do Nascimento. **A terapia expressiva centrada na pessoa: utilização e limites no contexto brasileiro**. Monografia (graduação) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2020.

LOPES, Tânia de Jesus Bailão. **Arteterapia em idosos: efeitos nas funções cognitivas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra. 2011.

MARQUES, Estefânia F. Pinto Alves. **A escrita como tentativa de reparação do self: Produções criativas em sujeitos institucionalizados**. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Universitário Ciências Psicológicas Sociais e da Vida. 2015.

MARTINS, Daniela de Carvalho e Souza. **Arte-terapia e potencialidades simbólicas e criativas dos mediadores artísticos**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, 2012.

MORAES, Marielly de. Arteterapia como prática de reinvenção do cuidado de mulheres com fibromialgia: relato de experiência. **Revista Conhecimento Online**. V. 3. 2020.

NAZARETH, Leila. Arteterapia na qualidade de vida e profilaxia. *In*: ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Arteterapia - Relembrar é preciso... criar é continente: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia**. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2009

NORGEN, Maria de Betânia Paes. Arteterapia com crianças e adolescentes. *In: CIORNAI, Selma (org.). Percursos em arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia e supervisão em arteterapia.* São Paulo: Summus, 2004.

NORGEN, Maria de Betânia Paes. Artpsicoterapia. *In: ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Arteterapia - Relembrar é preciso... criar é continente: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia.* São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2009

NUNES, Isabela Ferreira Rocha et al. A arte (terapia) como instrumento na terapia cognitivo comportamental: uma revisão sistemática. **Revista Psicologia e Conexões.** V. 1. N. 1. 2021

PAÍN, Sara. **Fundamentos da arteterapia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PAÍN, Sara; JARREAU, Gladys. **Teoria e Técnica da arteterapia.** 2ed. São Paulo: Artmed Editora, 2001.

PHILIPPINI, Ângela. Universo junguiano e arteterapia. **Revista de Arteterapia**, v.2, 1995.

RAVENA, Silvana Lacreata; SAVIANI, Iraci. História da arte vivenciada e arteterapia: um olhar poético para história pessoal. *In: CIORNAI, Selma (org.). Percursos em arteterapia: Ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte.* v. 63. São Paulo: Summus, 2004.

REIS, Alice Casanova dos. A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico. **Barbarói, Santa Cruz do Sul**, n.40, jan-jun, 2014a.

REIS, Alice Casanova dos. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, p. 142-157, 2014b.

REZENDE, Joffre Marcondes de. Terapia, terapêutica, tratamento. **Revista de Patologia Tropical/Journal of Tropical Pathology**, v. 39, n. 2, p. 149-150, 2010.

RIBAS, Gilmar Alfredo; TOMMASI, Sônia Bufarah. Arteterapia com crianças abrigadas. **Revista De Arteterapia da AATESP.** v. 7, N. 2, 2016.

SALLES, Filipe Mattos de. Sobre a necessidade da arte: Uma abordagem junguiana. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 16, n. 1, p. 430-447, 2020.

SANTOS, Juliana Pereira dos. O processo de individuação e a formação do terapeuta junguiano corporal. **Jung e Corpo.** N. 17. 2017

SANTOS, Renato Caio Silva; CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto. Quando as imagens falam: definição, estruturação de campo e usos da arte terapia. **Psicologia.pt.** 2017

SARAIVA, Sonia Anastasia Cardoso Durães. **O uso do barro em arteterapia**. Monografia (Especialização em arteterapia) – Instituto Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, Rio de Janeiro. 2008.

SEI, María Bonafé. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana**: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento á violência domiciliar. Tese (Doutorado em psicologia clínica) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2009a.

SEI, Maria Bonafé. Arteterapia e violência. *In*: ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Arteterapia - Relembrar é preciso... criar é continente**: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2009b.

SEI, Maria Bonafé; ZANETTI, Sandra Aparecida Serra. A psicoterapia psicanalítica de casal e família na Universidade de Londrina. *In*: OKAMOTO, Mary Yoko; EMÍDIO, Thassia Souza (org.). **Perspectivas psicanalíticas atuais para o trabalho com grupos e famílias na Universidade**. São Paulo: Cultura Acadêmica. 2017

SILVA, Alessandra Porto da. **A magia dos fios**: Contribuição para o trabalho arteterapêutico com crianças. Monografia (Especialização em arteterapia) – POMAR/FAVI. 2019

SILVA, Mariane Coimbra; CARVALHO, Eduardo Moura de; LIMA, Rafaela Dias de. Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo. **Revista IGT na Rede**, v. 10, n. 18, 2013.

SILVA, Maria de Lourdes O. Reis da et al. A Arteterapia Como Possibilidade de Reencontro de Si na Relação Com Outros. **Revista Ciência (In) Cena**, v. 1, n. 4, p. 1-15, 2017.

STEINBERG, Sue. Arteterapia no Contexto da Saúde Mental. *In*: ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Arteterapia - Relembrar é preciso... criar é continente**: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia. São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2009

TOMMASI, Sonia Maria Bufarah; NERING, Edeltraud Fleischmann. A ética do cuidado em arteterapia. **Revista Transdisciplinar: Uma oportunidade para o Livre Pensar**. V. 9. N. 9. Jan. 2017.

UNIÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE ARTETERAPIA. **Contribuição da Arteterapia para a Atenção Integral do SUS**. Disponível em: <<http://aatergs.com.br/wp-content/uploads/2019/07/Cartilha-de-orientação-para-inserção-da-arteterapia-nas-praticas-complementares-do-SUS..pdf>>. Acesso em: 12, ago. 2022

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso et al. Arteterapia: criatividade, arte e saúde mental com pacientes adictos. **Jornada goiana de arteterapia**, v. 2, p. 69-85, 2008.

VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, Joel Sales. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, p. 375-383, 2007.

VASQUES, Márcia Camargo Penteado Corrêa Fernandes. **A Arteterapia como instrumento de Promoção Humana na Saúde Mental**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, 2009.

VEBER, Greyce Natana et al. A arteterapia como prática integrativa das políticas em saúde. **Educação, Saúde e Meio Ambiente**. v. 3, n. 1, 2017

VIEIRA, Humberto; CAVALCANTI, Marcus Alexandre; CAVALCANTI, Eliana Cristina Tenório. Imagens do inconsciente: alianças entre arte e terapia. **Revista Valore**, v. 2, n. 2, p. 259-271, 2017.

WRIGHT, Jesse H. et al. **Aprendendo a Teoria Cognitivo-Comportamental: um guia ilustrado** [recurso eletrônico]. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2019.